

AS
14

OBRAS
DE
Misericórdia

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: As 14 Obras de Misericórdia

EDIÇÃO: Santa Casa da Misericórdia de Vagos

DESIGN: Mad ideias

FOTOGRAFIA: Romeu Bio

IMPRESSÃO:

ISBN:

DEPÓSITO LEGAL:

TIRAGEM: 1000 Exemplares

DATA: Fevereiro 2017

O tempo e a vida têm-me permitido compreender melhor a identidade e o verdadeiro sentido das Misericórdias em todas as suas vertentes, incluindo o seu invejável património cultural.

Ao longo dos séculos elas têm sido o repositório de importantes joias artísticas ao serviço das populações e dos olhares mais atentos de técnicos e visitantes que as valorizam.

Partilhar é um ato implícito na filosofia universalista das Misericórdias.

Para dar corpo a esta premissa, reuni um leque de artistas plásticos do Concelho de Vagos que comigo abraçaram a causa, mostrando as suas visões e ideias muito pessoais sobre as catorze obras de Misericórdia, num misto de materiais e técnicas que traduzem a atualidade.

O trabalho foi feito e completado com a apresentação pública, em Vagos.

Sobre a mesma temática, embora sem conhecimento das obras executadas, convidei pessoas com mérito, sabedoria e de boa vontade a escrever algumas palavras.

Os textos surgiram.

Assim, diferentes gerações, diferentes pensamentos, diferentes capacidades artísticas e intelectuais, em comunhão, criaram a obra que agora se apresenta.

Hoje, o património cultural da Misericórdia de Vagos e das Misericórdias de Portugal está mais rico.

Cumpre-me, como representante desta Instituição deixar o meu profundo agradecimento aos escritores e artistas plásticos que tornaram possível este livro, permitindo um olhar atento, crítico e moderno sobre os ensinamentos grandiosos que as catorze obras de Misericórdia encerram.

O Provedor
Paulo Gravato

OBRAS DE MISERICÓRDIA, DIVINIZAÇÃO DO HUMANO

“Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos foi a mim que o fizestes.”(Mt.25,40)

Com estas palavras de sabor bíblico e divina sabedoria, canonizou Jesus Cristo aqueles atos do agir humano, que os Evangelhos enunciaram e a Tradição e os Catecismos consagraram como Obras de Misericórdia enumerando-as, de acordo com a incontornável força cultural e simbólica do número sete, em 7 corporais, (heraldicamente figuradas por uma rosa de sete pétalas), a saber, dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, curar os enfermos, remir e visitar os presos e cativos, dar pousada aos peregrinos e aos sem teto e enterrar os mortos e 7 espirituais, (figuradas por uma estrela de sete pontas), a saber, ensinar os simples, dar bom conselho, corrigir os que erram, consolar e confortar os tristes e aflitos, perdoar e sofrer com paciência as injúrias e orar por vivos e defuntos.

É certo que estas catorze são as obras de misericórdia, que, assumindo mais ou menos acuidade consoante os tempos e os lugares, servem de paradigma e exemplo a todas as que se podem e devem praticar, mas não são redutoras nem excluem outras.

Na verdade, para além destas catorze, que paradigmaticamente a tradição e os catecismos consagraram, são também obras de misericórdia, -que Cristo assume como feitas a Si mesmo -, todos aqueles atos de humana solidariedade e divina caridade em que sentimos como nossas quaisquer necessidades dos outros, socorrendo-os como nossos irmãos.

Em boa hora, o sábio e sempre oportuno magistério do Papa Francisco o veio reafirmar, quando, no contexto da grande audiência às Misericórdias em peregrinação mundial para celebração do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, propôs “o cuidado da casa comum” como 15ª Obra de Misericórdia, simultaneamente corporal e espiritual.

Com idêntico sentido e igual intenção, já em 1998, no texto “Sete mais sete são as catorze...e as outras”, eu mesmo preconizei, apenas como exemplo e a propósito de “dar de beber a quem tem sede”, que “será certamente obra de misericórdia empenhar-se na causa humanitária, hoje dramaticamente universal, de defesa da natureza, num envolvimento ecológico e técnico, que permita uma correta gestão e partilha desse bem universal que é a água, cada vez mais escassa, poluída e avaramente denegada a certas regiões do mundo”. E quem diz água diz todos os bens da casa comum tão drasticamente ameaçados, quando não já irremediavelmente perdidos.

Em número de 14, 15 ou “e as outras”, as Obras de Misericórdia são cerne de Evangelho e constituem marca identitária do humanismo cristão e daquela cultura de universalismo humanista, que os portugueses levaram pelo mundo e que serviu de estímulo e impulso para a criação e

difusão, desde em 1498, das tão genuinamente portuguesas e lusófonas Santas Casas da Misericórdia.

Divulgá-las, dá-las a conhecer e motivar à sua prática é, por isso, verdadeiro serviço de evangelização e inequívoca promoção dos mais elevados valores humanos e divinos.

Com esse intuito e inequívoco resultado, a representação iconográfica destas Obras, com riquíssima tradição nas múltiplas expressões que a arte conhece, desde a iluminura e a pintura, ao azulejo e a estatutária, tem sido, através dos séculos, um dos mais eficazes instrumentos de pedagogia social e de anúncio evangélico dessa superior forma de caridade, que é a misericórdia.

Por tudo isso, nos merece os maiores encômios, aplausos e reconhecimento esta oportuna iniciativa de conjugar imagem e palavra, para, na senda dos grandes mestres da arte e escrita, projetar para os nossos dias e em linguagem do nosso tempo, a eterna e sempre atual mensagem de humanismo e divinização que as Obras de Misericórdia lançam à Humanidade.

Ao nosso estimado e sempre dinâmico Provedor, António Paulo Gravato um grande Bem Haja por tal iniciativa.

Que a Senhora da Misericórdia o recompense e que a todos esta sua obra de misericórdia aproveite.

Padre Vitor Melícias, OFM
Presidente Honorário das Misericórdias

AS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS

Em 15 de Agosto de 1498, em cerimónia que teve lugar na Capela de Nossa Senhora da Piedade, da Sé Catedral de Lisboa, foi criada a Instituição da Misericórdia de Lisboa, fundada pela Rainha D. Leonor, viúva de D. João II e regente do Reino na ausência de seu irmão D. Manuel I.

Senhora dotada de nobres sentimentos e grande sensibilidade ao sofrimento humano não se alheou à miséria que na Idade Média fazia parte do quotidiano. As carências eram de toda a ordem espalhadas por todo o Reino, não só em Portugal, mas por toda a Europa. A história traz-nos à memória como era atormentada a vida na Idade Média. As fomes, as pestes e as guerras dizimavam as populações. Uma agricultura de subsistência em terrenos pobres que invernos chuvosos traziam uma miséria que muitas vezes se estendia a comunidades inteiras conduzindo à fome, à doença e à morte prematura.

O conceito de pobre era bastante lato pois atingia tanto aquele que lutava com falta de meios económicos, como os velhos, os aleijados, os cegos, os doentes, os solitários, os errantes, os órfãos, as viúvas, os marginalizados pela sociedade, etc. Grande era a lista daqueles que necessitavam de assistência material ou espiritual.

Mesmo nos alvares da modernidade quando a sociedade portuguesa começa a saborear o prestígio, a grandeza, o luxo e a riqueza, fruto das descobertas, a miséria não se elimina do nosso país e vive a paredes meias. A partida de muita gente em busca do sonho, da aventura, da riqueza, deixa ao abandono os campos que eram a produção essencial do pão que, na Idade Média era o primeiro bem à sobrevivência humana. As cidades encheram-se de gente dos campos à procura de melhor sorte.

As suas ruas eram palcos de mendigos rezando ladaínhas na hora da distribuição das esmolas do caldo e do pão, juntando-se nas portas dos conventos como autênticas assembleias-gerais de miséria. Essa errância humana torna-se na maior parte das vezes numa pobreza de mão estendida nos caminhos à caridade alheia, numa solidão sem fim, sendo a integração em terras alheias muito difícil.

Mas se eram pobres em vida não menos o eram na morte. Enfrentavam-na sozinhos, desamparados, em qualquer sítio, na beira das ruas quando a fraqueza chegava ao limite quebrando os laços com a vida, e, ali jaziam até que o tempo, os cães vadios (vítimas da mesma sorte) acabassem de lhes corroer o corpo. Ninguém tinha obrigação de lhes dar sepultura. E, misturados com os vivos pereciam os mortos pobres, os enforcados, aqueles que a pobreza tornou anónimos. Em qualquer sítio se morria esperando que o cadáver se consumisse no tempo.

Foi este cenário de miséria que tocou o coração de D. Leonor- Rainha de Portugal, a quem

Deus dotou da mais nobre sensibilidade ao sofrimento alheio, criando a primeira Misericórdia Portuguesa em Lisboa e que em pouco tempo foram proliferando por todo o Reino, ilhas e ultramar, até aos dias de hoje.

Não podemos deixar de referenciar também o nome de Frei Miguel Contreiras notável pregador que logo se fez notar pelo seu espírito caritativo. Percorria as ruas em busca de esmolas para valer aos pobres infelizes. Esta atitude não tardou a ter o valimento da corte, ao ponto de a Rainha D. Leonor o tomar por conselheiro, se não mesmo por confessor. Frei Miguel Contreiras, teria assim, segundo os seus biógrafos, inculcado um forte sentimento de caridade e aconselhando a Rainha a fundar uma irmandade destinada ao cumprimento de sete fins de ordem material e sete de ordem espiritual.

O homem medieval vivia atormentado com a ideia da morte, com o purgatório e com o dia do juízo final, em que Cristo voltaria, para julgar e condenar às penas eternas do inferno os maus e conceder a felicidade eterna aos justos.

Esse temor que todo o cristão sentia, levou a que a salvação da alma fosse a primeira e maior prioridade da sua vivência na terra. A vida era uma passagem, uma preparação para alcançar o céu. A morte era o primeiro obstáculo, o primeiro julgamento. O seu temor era grande, porque ela poderia aparecer subitamente, sem que estivessem preparados, assim diziam as escrituras: S. Marcos 13-33 "estai de sobreaviso, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará esse tempo". S. Mateus 24-42 "vigiai pois, porque não sabeis quando chegará o vosso Senhor"

A doutrina de Cristo, na palavra do Evangelho de S. Mateus, era elucidativa: "...vinde benditos de meu Pai possui o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo. Porque tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber, era hóspede e recolheste-me, estava nu e cobriste-me, estava enfermo e visitaste-me, estava no cárcere"... Na verdade vos digo que quantas vezes vós fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim é que o fizestes... na verdade vos digo: que quantas vezes o deixaste de fazer a um destes pequeninos a mim o deixaste de fazer."

O pobre tornou-se, assim, um intermediário entre o homem e Cristo. Através dele poder-se-ia facilmente alcançar o céu. A prática das Obras de Misericórdia tornou-se, assim, no coração dos cristãos um dever primordial a cumprir ordem à felicidade eterna. E nelas assentava todo um programa que as Misericórdias Portuguesas se propunham realizar através de uma caridade inspirada por Deus.

As Misericórdias Portuguesas muito ligadas ao culto Mariano têm mais de cinco séculos em Portugal, espalharam-se por todo o território português ilhas e ultramar com grande destaque no Brasil e Índia.

Os tempos evoluíram, as necessidades desde os tempos medievais foram-se alterando, mas as Misericórdias Portuguesas fiéis ao projeto da sua fundadora, mantêm-se ativas no decorrer destes séculos respondendo às solitudes de cada época, enfrentando grandes desafios em épocas de crise, minorizando as carências dos mais desfavorecidos.

As Misericórdias foram e são ainda uma das respostas em muitas das situações desencadeadas pela crise mundial que ainda sentimos e fizeram parte da grande diferença, relativamente a outros países em situação idêntica, nos cuidados aos mais necessitados.

Atualmente, as Misericórdias Portuguesas estão também abertas não só aos mais necessitados, como às populações locais, independente das suas condições económicas, oferecendo-lhes vários serviços como creches, lares, serviços educativos e de acompanhamento e acolhimento de crianças e jovens, etc.. Sempre numa missão prestigiante de amor ao próximo e na consciência do seu papel fundamental na resolução de problemas dos cidadãos com especial atenção e carinho pelos mais novos e pelos idosos, com intervenções ao nível da educação para as práticas intergeracionais.

Helena Oliveira

AS
14

OBRAS
DE
Misericórdia



NOSSA SENHORA DO MANTO DE VAGOS

São inúmeras as obras de pintura e escultura dedicadas à vasta temática religiosa. Temática essa categorizada por momentos bíblicos que, ao longo dos tempos, foram adquirindo diferentes relevâncias, distintas formas de olhar e interpretar. Todo o artista do gótico e renascimento dominava com maior ou menor virtuosismo a arte de representar esses momentos, dependendo o seu reconhecimento público e fama do impacto que essas obras manifestavam no espectador.

“Nascimento do menino”, “Adoração dos Reis Magos” ou “Adoração dos Pastores”, “Crucificação” e “Deposição de Cristo”, entre muitas outras, são temáticas recorrentes que artistas de todas as épocas foram estudando e ensaiando em novas composições, de forma a criar com o mesmo modelo algo de novo e inovador.

Inerente a estas composições de arte está toda uma iconografia religiosa que se quer repleta de símbolos, estando estes adaptados a cada época. A Virgem Maria é também, por si só, uma temática que acredito que não se esgotará no domínio artístico.

Lembro-me de, ainda criança, desfolhar uma bíblia ricamente ilustrada que havia lá em casa e de reparar na importância das imagens.

Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras e parece que afinal é verdade. Nunca precisei de ler aquele livro para perceber o que ele me queria contar. Curiosamente, hoje consigo perceber que aquela mensagem escrita anda a par com um quasi “tratado de pintura”, tendo sido para mim o primeiro contacto que tive com a arte.

E porque sempre me atraiu a representação da figura feminina, facto que o meu trabalho não pode negar, pois grande parte da pintura e escultura que faço tem representada algures uma mulher, também toda a iconografia relacionada com a Virgem Maria me tem vindo a fascinar.

As representações da Virgem remontam à idade média românica, embora se tenha tornado mais frequente no Gótico, época em que os temas ligados à Virgem ganham maior relevância na mensagem doutrinal e evangélica que a igreja pretende transmitir aos seus fiéis.

No Renascimento italiano, foi um dos temas mais desenvolvidos pelos pintores, retratando a delicadeza e candura feminina, contextualizando a figura num cenário contemporâneo, à maneira da época.

A simples representação da Virgem, como figura central de uma obra, geralmente designada por “Assunção da Virgem”, é um exercício de retrato. A sua imagem sobre um fundo etéreo, geralmente um céu, elevando-a assim simbolicamente a um ser celestial, a alguém que transcendeu para além do humano. Já não calca o chão, paira delicadamente numa nuvem, alguém que nos guarda e protege noite e dia. E os anjinhos que povoam o espaço em seu redor? Dão uma dinâmica ao espaço pictórico, enriquecem a tela a

nível cromático, sem dúvida, mas servem também a simbologia religiosa, reforçam a ideia de sobrenatural e, quem sabe, talvez sirvam estes pequenos bebês rechonchudos e traquinas para dar um pouco de graça a algo que se quer sério, mas não ameaçador. O pintor joga aqui um trunfo sedutor.

As virgens de Caravaggio não tinham esta aura de ser sobrenatural, eram terrenas, iguais a todas as mulheres do povo que viviam em Roma. Na época terá sido controverso, mas não será inevitável criar algo com que nos identificamos?

Uma das pinturas que mais me cativou foi a de um pintor espanhol do século XVIII que representou uma Virgem andaluza de descendência cigana com o menino.

Nossa Senhora da Aparecida, a Nossa Senhora negra, padroeira do Brasil, consagra esta ideia de que precisamos de algo que esteja bem perto daquilo que somos.

Uma Pietá personifica a dor dilacerante de todas as mães perante o corpo do seu filho que acaba de morrer. É intemporal, atravessa todos os séculos esta Pietá, lembra-me o poema de Fernando Pessoa, "Jaz morte e arrefece o menino de sua mãe".

E assim os artistas, pintores, escultores, músicos e poetas, criam e recriam a história ao longo do tempo, povoando-a de elementos culturais e etnográficos que vão transparecendo através das vestes, das fisionomias, da palavra, da paleta de cor que é usada e de muitos outros elementos que constituem um manancial infindável de material pictórico, musical e literário.

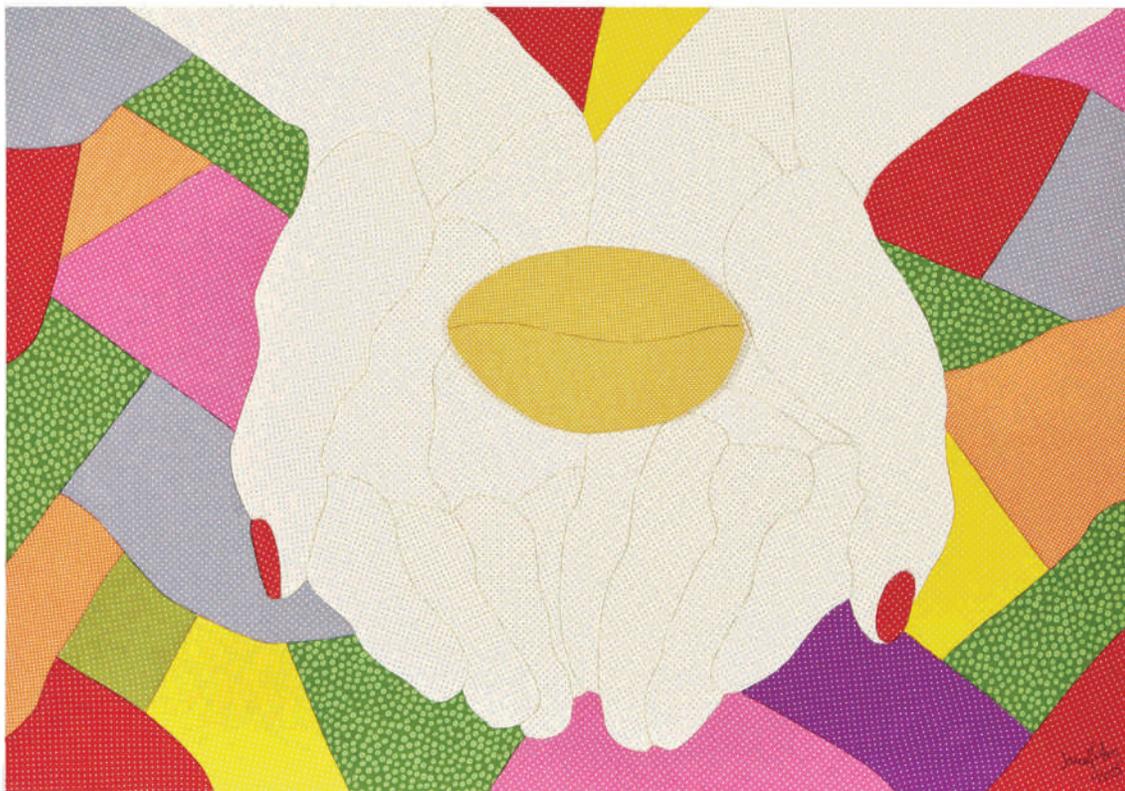
Perante todos estes inúmeros rostos de Maria, o desafio da criação de uma nova imagem só poderá ser pensado em termos de uma globalidade universal. Todas as mulheres são "Maria". Todas elas concebem, criam, protegem e sofrem, porque são mães. Quantas mães há neste momento no mundo, que como Maria, terão que fazer escolhas difíceis em relação aos seus filhos, em África, na Síria, ou em qualquer outra parte?...

Uma Nossa Senhora da Misericórdia para Vagos será uma mãe de todos os que sofrem, de todos os que necessitam de proteção, alguém de aparência simples e terrena de vestes modestas, que nos oferece de braços abertos no seu pequeno manto a consolação de um colo ou de um abraço.

Claúdia Rocha



7
OBRAS
CORPORAIS



DAR DE COMER A QUEM TEM FOME
AUTOR: Joana Cristina Ribeiro de Matos

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME

João Carlos Sarabando

Como seria bom imaginar o mundo, onde o que se convencionou chamar "Obras de Misericórdia", pura e simplesmente não existisse.

Um mundo redondo e não quadrado, onde a solidariedade entre os seres humanos fosse tão natural e imprescindível, como o ato de respirar ou o instinto de sobreviver.

Infelizmente, com o modelo de poder em vigor e a distribuição da riqueza que lhe está associada, essa Humanidade não existe... Nunca existiu.

Contudo não foi essa trágica ocorrência, que impediu alguns espíritos superiores de sonharem com tal utopia:

De lutarem contra o perfume de certas solidariedades e o incenso de algumas caridades.

De asirem as mãos limpas e a voz da razão, contra um dos maiores negócios dos nossos dias... A luta contra a fome, seja ela mortal, viciada ou envergonhada.

De exigirem que o exemplo venha de cima... Daqueles que por serem carcereiros das espingardas, das leis e da salvação, as usam, não em prol dos que são realmente carenciados de pão, saúde e educação, mas apenas e sempre, para branquear o nojo das suas comendas e parcerias, o berço dos seus pares e dinastias, os capachos de cadáveres no acesso aos seus panteões.

E não se julgue que tal acontece, por falta de coragem aos homens que há milénios vêm alertando para semelhante crueldade, mas simplesmente porque a História dos vencedores continua a alimentar-se de semelhante genocídio... A não respeitar a História dos vencidos nem os apelos vindos de todo o mundo:

- Do sábio oriente, o ensinamento responsável de no primeiro dia matar a fome ao faminto dando-lhe um peixe, mas de logo no dia seguinte o ensinar a pescar!

- Do arrogante ocidente, o desafio desassombrado de tratar e considerar o próximo como a si próprio, seja ele faminto ou sequioso!

- De todos os homens e mulheres de boa vontade, a urgência da partilha e da reciprocidade, a recusa do pio embuste e da sacra hipocrisia!

No entanto e depois de tanta História a vangloriar-se de liberdades e igualdades, de tantas histórias de fome e pobreza envergonhada, a barbárie continua:

- Na destruição de toneladas e toneladas de alimentos e produtos da terra, só para manter a alta dos preços e a especulação dos mercados.

- No lançamento para o lixo, de opíparas sobras dos chás de caridade e jantares solidários.

- No esbanjamento de milhares, só nos “cremes e protetores solares” das embaixatrizes junto dos pobrezinhos e refugiados.

E no entanto, todos sabemos o que acontece, logo que as câmaras de televisão e os holofotes da fama se retiram para os hotéis de cinco estrelas, as estrelas e comissários embarcam nos seus jatos particulares, ou os políticos e seus mandantes regressam às sedes das campanhas eleitorais:

- Milhares de crianças ainda com o ranho no nariz, continuam a morrer à fome por falta de um copo de leite, ou a morder o mirado seio da mãe!

- Milhares de esqueléticos idosos continuam a falecer, porque a malga de arroz lhes foi usurpada pelos facínoras da paz e do mercado negro!

- Milhares de eleitores, todos “escravos” e todos envergonhados, regressam às quatro paredes já penhoradas, e, como antigamente, continuam a cantarolar baixinho aos filhos para os adormecer: Durmam, durmam meus anjinhos, que dormir é meio sustento!..

E todavia a barbárie continua.

E todavia e cada vez mais, os média dão horário nobre à sopa dos pobres com champanhe e caviar em primeiro plano...

Sejam corporais ou espirituais, e das quais “DAR DE COMER A QUEM TEM FOME” é apenas uma das catorze, nunca as verdadeiras Obras de Misericórdia estiveram como agora, tão reféns da hipocrisia dos nossos tempos...

- Da política espectáculo que esbanja os dinheiros públicos, não em função dos que mais sofrem, mas ao serviço dos que mais se indignam!

- Daqueles que usam a solidariedade como gravata e antes de assinarem o cheque do donativo, confirmam primeiro se as câmaras e os holofotes cor de rosa estão ligados!

- Dos filantropos e beneméritos que para justificar os seus milhões, se sentem na obrigação de dar uns tostões!

- Das efémeras instituições que como sanguessugas se multiplicam, mas raramente prestam contas das suas misericórdias!

Razão tinha o saudoso Padre Américo, quando confrontado com a impossibilidade de dar de comer e de beber a todas as árvores que lhe diziam ter fome e sede, ele escolhia para regar, não as que apresentavam copas fartas e luxuosas, mas as que todos os anos davam bons frutos sem esperarem lisonja. E esse continua a ser o critério mais assertivo e eficaz, para nos nossos dias separar o trigo do joio; para apartar os que de alma e coração se devotam a essa bem-aventurança, dos que nas luzes da ribalta, apenas engordam com ela.

E sobretudo para defender a sociedade civil dos senhores da guerra e da paz, que vestidos à civil, são mestres em usar as “suas” obras de misericórdia corporais para branquearem as “suas” obras espirituais:

- A darem de comer, mas só às ovelhas do seu “rebanho”!
- A darem bons conselhos, mas só aos praticantes do seu “catecismo”!
- A ensinarem os ignorantes, mas só aos falantes do seu “alfabeto”!
- A sepultarem os defuntos, mas só se tiverem sido “mártires” da sua “cruzada”.

Daí que se devam elogiar as árvores pelos frutos que dão, e as flores pelos aromas que inebriam, mas principalmente se laureiem os jardineiros que as sabem cuidar.

Se louvem os que sem exigirem contrapartidas implícitas ou explícitas, as alimentam, as ensinam a pescar, as consideram como suas iguais.

Os que no seu quotidiano corroboram as palavras do Prof. José Hermano Saraiva aquando das celebrações dos 500 anos das Misericórdias em Portugal:

“...Não é suficiente fazer a saúde, é essencial usar o coração...” porque no universo dos homens e mulheres de boa vontade, “...a solidariedade é a única esperança que temos para o futuro...”

- “O coração” dos que continuam a semear flores nos jardins-de-infância...
- “A solidariedade” dos que não desistem de reinventar juventudes nos escombros do infortúnio...
- “A esperança” dos que praticam arte a pintar sorrisos nas rugas da idade...

E a chamar de bem-aventurados, aos que há cinquenta e cinco anos e na Santa Casa da Misericórdia de Vagos, se aventuram!



DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

AUTOR: Artur Dionísio

DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

Maria Alice Sarabando

Quem alguma vez atravessou ou apenas bordejou a aridez de um deserto sabe o valor de uma simples gota de água. Quem despende suor de rosto na humana conquista do pão, também.

Por vezes, pede o corpo água como planta murcha e ressequida em chão de pedras sob sol inclemente. Manda o coração compassivo aliviar o sofrimento: a ninguém, por ninguém, será negado um copo de água.

Contudo... "Não há só gaivotas em terra" no gesto simples de dar de beber a quem tem sede.

O que é a sede? Quantas sedes assolam um homem?

Anseiam alguns conhecimento: dessedenta-os o afã de descobertas. Saber lhes basta. Não cuidando de glórias, deixam rasto na humanidade.

Ávidos de poder, outros (heróis e tiranos "com um ódio e uma coragem fáceis de medir") se saciam tomando sob si terras e gentes. Por força de armas, bebem os anseios que amordaçam.

Sede cobiça de tudo avaliar em dinheiro: ardência mitigável com riqueza ostentada, fácil, efêmera água inquinada com travo sempre a pouco.

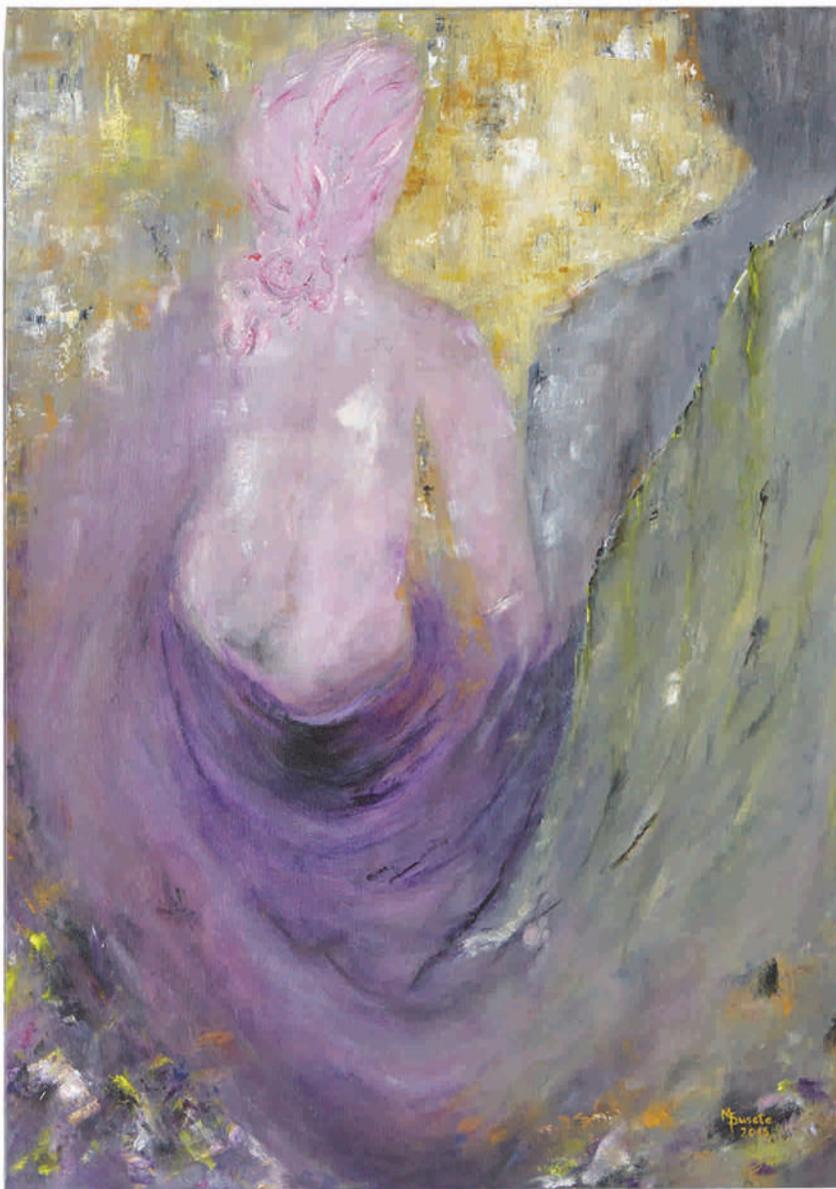
Vingança, sede que apenas sangue derramado acalma.

E a sofreguidão do amor que de pequena brasa, por um inocente beijo de vento, alastra a incêndio sem rescaldo?

Cada sede, sua busca.

Quanta sede se mata dando água?

Quanta água (que água) aplaca as fogueiras quando a sede é de Justiça?



VESTIR OS NUS

AUTOR: Maria Susete Sarabando

VESTIR OS NUS

Georgino Rocha
Padre

A ROUPA DA DIGNIDADE

1. Drama de milhões

Encurralados no navio aventureiro, sem bens de primeira necessidade nem passaporte que garanta a sua identidade, o naufrágio priva-os do sonho que os animava e, frequentemente, da própria vida. Ficam completamente nus. Privados da sua dignidade. Para sempre. Sem nome nem memória, os que não são resgatados das águas agitadas que lhes servem de sepultura. Talvez surja, de vez em quando, algum eco noticioso da tragédia que os vitimou ou alguma lágrima furtiva de generosos voluntários que tudo arriscam em situações de emergência.

No entanto, o silêncio clama com voz forte pelo reconhecimento da sua memória. A razão humana e, ainda mais, a fé cristã pedem justiça para estas vítimas e, em gestos de solidariedade, querem resgatar o seu nome e revestir a nudez da sua dignidade com as roupas da ética solidária e da misericórdia compassiva. Pedem justiça e interrogam a consciência adormecida dos responsáveis pela tragédia: Quem se esconde e lucra com esta imigração forçada? Por que não procurar soluções nas terras de origem, libertando preconceitos e promovendo capacidades? ...O mar do Mediterrâneo está a transformar-se num cemitério!

2. Alertar consciências adormecidas

Escrevo este artigo no domingo 19 de Abril em que duas intervenções do Papa Francisco, serenas, mas fortes, interpelam a consciência adormecida de tantos cidadãos do mundo e líderes de povos, tantos cristãos das igrejas e seus responsáveis. "São homens e mulheres como nós, irmãos que procuram uma vida melhor, famintos, perseguidos, feridos, explorados, vítimas de guerras. Procuram uma vida melhor, procuravam a felicidade", assim os apresenta numa dessas intervenções, após o naufrágio de um barco em que seguiam mais de 700 pessoas.

As frágeis embarcações da esperança dão lugar, frequentemente, a rápidas lanchas de pânico e a experientes mergulhadores de profundidade que buscam possíveis sobreviventes minados já pelo desânimo fatal e tentam recuperar os restos mortais dos que sofrem tal desventura.

"Eu sou Lampedusa", grito como tantos cidadãos atentos ao que vai ocorrendo. "Sinto-me enterrado vivo no cemitério do Mediterrâneo. "Eu sou a Humanidade" que soffro na pele e na alma os 40 mil, homens

e mulheres – e crianças, meu Senhor e meu Deus! – que, no Mundo, diariamente, morrem à fome, “vítimas de uma economia que mata em flagrante delito de criminosas injustiças sociais”.

3. Mensagem de um símbolo

Vejo neste cenário, o homem no seu melhor e no seu pior. A realidade supera a pintura mais expressiva, embora esta possa acentuar alguma tonalidade daquela. O símbolo tem força de mensagem para todas as situações de nudez que são atendidas pelo manto da misericórdia, pela caridade da razão que descobre nos “dias maus” da tragédia o rosto solidário da nova humanidade que desponta no horizonte da esperança criativa de futuros melhores.

4. Vestir os nus: imperativo ético universal

Vestir os nus constitui um imperativo ético universal. A mensagem cristã faz-se porta-voz deste imperativo e reveste-o de novas razões que reforçam a sua consistência e redimensionam a sua urgência. O ser humano nasce e morre nu. Saí nu do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá» (Jb 1,21). Esta é a realidade original e final da nossa comum humanidade, da nossa natureza corpórea. Entretanto, a vida inteira vai revestindo aquela nudez com os seus recursos e oportunidades que se condensam na cultura, em sentido amplo, e no esforço pessoal e comunitário, na rede de relações interactivas e na graça de Deus.

5. Urgência desta hora

“São muitas as famílias que necessitam de roupas para cobrir necessidades essenciais. As portas de muitas casas escondem muita coisa”, afirma D. Jorge Ortiga na homilia da Vigília Pascal de 2015, homilia em que apresenta a nudez como a necessidade de amparar a fragilidade e dar conforto.

“Vão ao guarda-roupa ou, se podem, comprem porque há pessoas sem abrigo, a proteger-se do frio com papeis e serapilheiras, a dormir no vão de escadas e estas noites são terríveis” – diz-nos em provocação o P. João Gonçalves, presidente da Instituição Florinhas do Vouga. “Deem do melhor. O pobre tem a mesma dignidade que nós. Não aproveitem para descartar o que sobra e está envelhecido e gasto”.

A dignidade da pessoa nua constitui uma forte chamada à consciência humana e cristã. A roupa não é apenas agasalho. É um símbolo que espelha o auto-respeito e a consideração social, a solicitude da Igreja e o sentido religioso que lhe atribui.

6. Atitudes face ao corpo humano

“O corpo humano, escreve o Cardeal Karol Wojtyła/João Paulo II no seu livro “Amor e Responsabilidade” em 1960, pode permanecer nu e descoberto e preservar intacto o seu esplendor e sua beleza ... Nudez como tal não deve ser equacionada com descaramento físico ... Imodéstia está presente apenas quando a nudez desempenha um papel desfavorável no que respeita ao valor da pessoa ... O corpo humano não é, em si vergonha ... Falta de vergonha (como vergonha e pudor) é uma função do interior de uma pessoa.”

A exploração pornográfica, publicitária e comercial do nu e da nudez acentuou-se descaradamente com os meios de comunicação social e da rede on-line.

7. Vestir: relação pessoal mútua

Vestir os nus e dar-lhes agasalho é uma atitude de grande sentido humano e cristão. Envolve pessoas que se dão mutuamente: a que oferece e a que recebe; aquela entrega-se na dádiva, esta na aceitação reconhecida e gratificante. Assim, o encontro de nudez acontece na verdade do ser humano, enobrece e não humilha, estreita laços de fraternidade e abre à filiação divina garantida por Jesus Cristo. Nesta relação “se joga” a avaliação final da nossa vida (Mt 25, 31-46) Jesus identifica-se com as pessoas que sofrem todo o género de pobreza, designadamente a falta de roupa e foram vestidas. “Eu vos garanto: todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a Mim que o fizestes”.

8. A veste baptismal

Um dos ritos finais do baptismo consiste na entrega da veste branca acompanhada da oração em que se exorta o neófito ajudado pela palavra e pelo exemplo de todos a conservá-la sempre sem mancha. E a razão dada é esta: “Agora és uma nova criatura e estás revestido de Cristo”. A dignidade natural é assim reforçada. E a alegria de ver o outro com novo olhar, também. O cristão, identificado com Jesus Cristo, assume livremente a responsabilidade de socorrer o outro “ferido” no corpo pela nudez, amarfanhado nos afectos pela desconsideração e pelo desprezo, rebaixado na honra pela exclusão social e, por vezes, religiosa, reduzido ao silêncio dos “desaparecidos” pela vontade positiva de tantas forças imperantes na ordem estabelecida.

9. Marcas de um rasto luminoso

A consciência da nossa comum humanidade tem de ser mais despertada e alargada, mais alicerçada e consolidada, mais apreciada e respeitada. E tem de ser mais coerente. A nudez de milhões clama por justiça solidária, por amor empenhativo, por misericórdia compassiva. A exemplo de Jesus Cristo e, no seu seguimento, de tantas pessoas que deixam um rasto luminoso na história e, hoje, constituem o rosto mais expressiva da beleza da humanidade...

Vale a pena aceitar a exortação do profeta: “Reparte o teu pão com o que tem fome, e introduz em tua casa os pobres e os peregrinos; quando vires alguém nu, cobre-o e não desprezes a tua (própria) carne (ou a do teu próximo) (Isaías 58,7).”

Será muito consolador ouvir um dia o convite amoroso de Jesus Cristo: Vinde benditos de meu Pai porque estava nu e me vestistes. Façamos tudo para que esta voz meiga e forte possa chegar aos nossos ouvidos e ressoar no nosso coração.



DAR POUSADA AOS PEREGRINOS

AUTOR: António José Gonçalves

DAR POUSADA AOS PEREGRINOS

Maria José Lascas Fernandes

A Peregrinação é uma prática comum a várias religiões e anterior ao Cristianismo - Abraão ia a caminho da terra prometida...

Seja sacrifício pelo perdão ou dádiva, seja esforço para o aperfeiçoamento espiritual, a tal comportamento humano é sempre associado um cunho místico de elevação, digno de respeito e consideração pelos demais.

Nossa Senhora, em diversas aparições, apelou à Peregrinação. O bem-amado Papa João Paulo II foi um Peregrino na sua devoção à Virgem Maria.

Na Igreja de "Pio Monte della Misericórdia" em Nápoles, Itália, o pintor do barroco Michelangelo Caravaggio, no famoso retábulo "As Sete Obras de Misericórdia", caracterizou o peregrino em busca de abrigo pela carapaça e pelo bastão conversando com o dono de um albergue que lhe indica o caminho.

Em muitas outras imagens, a óleo ou azulejo, em Igrejas ou Capelas na bordadura dos caminhos, a arte, mediando o material e o espiritual, incentiva os moradores locais a abrigar os peregrinos.

Mesmo Jesus, filho de Deus, viria a nascer "abrigado" numa cabana, aquando da fuga de José e Maria para o Egipto.

Mas a Quarta Obra (material) de Misericórdia, "Dar Pousada aos Peregrinos", não consiste apenas no tecto físico que abrigue do vento e do frio e da chuva, mas pressupõe o acolhimento do outro com dignidade, na sua diversidade e singularidade, disponibilizando-se para o mesmo e para as suas necessidades.

Como o bafo dos animais aqueceu o Menino, quem acolhe suavizará com a sua humanidade o sofrimento do acolhido...

Deus abre a porta da Igreja a todos, ricos humildes pecadores crentes e não crentes, convidando-nos à prática do acolhimento do outro, sem julgamento ou preconceito. Só que o medo do desconhecido torna-nos reféns da desconfiança, as portas trancam-se e os corações endurecem para a dádiva.

Pelo que, é sobretudo nos períodos de trevas, quase sempre acompanhados de grandes dificuldades económicas, que se torna premente a manifestação das Obras da Misericórdia.

E não são apenas os peregrinos de fé que batem à porta da Misericórdia procurando abrigo; e esta tem-nas aberto aos necessitados.

Foi devido à situação de miséria e doença que enchia as ruas de Lisboa, com mutilados, viúvas e órfãos das viagens marítimas e o êxodo dos campos em busca de trabalho, que surgiu a primeira Misericórdia Portuguesa em 15 de Agosto de 1498, com a especial intervenção da Rainha D. Leonor e o apoio do Rei D. Manuel I.

Neste Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco veio apelar a edificação de um mundo mais humano: “ A misericórdia pode realmente contribuir para a edificação de um mundo mais humano, especialmente neste nosso tempo, em que o perdão é um hóspede raro nos âmbitos da vida humana.”

Para além da necessidade de encontrar/dar pousada aos sem-abrigo das grandes cidades, surge uma nova realidade desafiadora da Misericórdia, os Refugiados - fogem da guerra, da tortura e da fome, deixando para trás os pertences e, também, as suas casas.

Provêm de culturas diferentes, tal como os portugueses também já andaram, por motivos económicos e políticos, por países e continentes como pedintes de sobrevivência e alguns dos jovens de hoje correm essa possibilidade.

Mas a diferença assustadora advém, não do choque de culturas, mas o facto de a maioria dos refugiados professar o Islamismo – confundido, por muitos, com o terrorismo.

Dar pousada a estes peregrinos com dignidade é um grande desafio de humanidade e ao qual, num gesto simbólico, o Papa Francisco abriu as portas do Vaticano.

O dever de abrigar e proteger quem peregrina em busca da sobrevivência decorre da Declaração Universal dos Direitos do Homem, por consagração da dignidade da pessoa humana e do direito à paz.

Mas, para os Cristãos decorre ainda do Mandamento “Amai-vos uns aos outros como Eu vos Amei”.

O seu acolhimento terá que - independentemente da preservação da sua fé - ser uma manifestação livre de medo e desconfiança, abrindo-se à partilha com o outro, tanto material como imaterial e mesmo espiritual, mas sempre respeitando-o no seu credo. E ao dar pousada, de si e em si, ao outro não pode ferir a sua dignidade nem a do acolhido - só assim o seu amor será manifestação da infinita misericórdia divina.



VISITAR OS ENFERMOS

AUTOR: Sandra Ferro

VISITAR OS ENFERMOS

Óscar Gaspar

Presidente do Conselho Fiscal da S. C. Misericórdia de Vagos

Fosse eu capaz

Seria bom descobrir a alquimia da humanidade. O que nos faz ser para além da química. Fosse eu capaz de a definir.

Fosse eu um santo e as preocupações não existiriam. Sem dor nem desejos, sem mágoas nem paixões. Um ser que se bastaria por si, e cada um por si, e por isso sem qualquer impulso de se rever no outro. Indiferente por constituição. Indiferente por não depender nem estar sujeito à convivência.

Fosse eu lógico e trataria de estabelecer relações claras e determinadas. A vida e a morte, a humanidade e a desumanidade seriam estados distintos e ligados: num par com sequência lógica, ainda que continuada, no outro par com interpolação. Sabemos que à vida segue-se a morte e também cremos que sem morrer não se pode nascer de novo.

Fosse eu um matemático e deduziria uma equação com os mandamentos como condição necessária, assumindo que somos variáveis dependentes de Deus, dos outros e da natureza e factores das obras de misericórdia.

Fosse eu um teólogo e assumiria a espiritualidade como foco. Não me escaparia que a unção dos doentes é um sacramento e parece ser o único que tem a mesma base de uma obra de misericórdia.

Fosse eu capaz.

Mas não sou.

Apenas me atrevo a intuir que a humanidade é um sentimento de destino comum.

O destino da humanidade está na mão dos homens e em termos colectivos já temos muitos capítulos concluídos; da antropologia à religião, da história à sociologia. Em termos pessoais não temos tantas certezas porque são as dúvidas sobre o desconhecido que imperam: o que será a minha vida? e a vida depois da vida?

A maior parte das pessoas não tem medo da morte: atemoriza-os a dor. Nada nos torna tão humanos como a sensação de fragilidade, a gratidão pela vida e o reconhecimento de que somos uma pequena célula. Que se ilumina com os outros e que define na solidão. Cada um é um vaga-lume que se acende em comunhão e que só dá colorido à noite quando voa com os seus semelhantes.

É este horror à doença, enquanto antecipação da nossa finitude, que mais valoriza a acção de visitar os enfermos. Visitamos porque somos amigos. Visitamos porque nos sentimos parte da cura. Visitamos porque queremos solidarizar-nos na dor. Visitamos porque podemos ter uma palavra de conforto. Visitamos

porque também gostaríamos de ser visitados na doença. Visitamos porque sabemos que nos momentos difíceis estamos sempre mais sós.

Há aqui profundamente a ideia de irmandade.

Mas outras vezes não visitamos. Não visitamos porque o outro não é estranho e isso nos perturba. Não visitamos porque a decrepitude nos incomoda. Não visitamos porque o outro que conhecíamos já não é o que está amarrado à cruz do hospital. Não visitamos porque investimos mais nos que têm vida. Não visitamos porque psicologicamente temos medo do contágio da dor. Não visitamos porque sentimos inútil a nossa presença. Não visitamos porque não sabemos o que havemos de dizer.

Também aqui transparece, para o bem e para o mal, a nossa natureza humana.

É nesta dupla condição de santos e pecadores que temos que abraçar o desafio da nossa superação.

Visitar os enfermos é uma obra de caridade que temos que fazer pelos que sofrem mas também por nós. Torna-nos mais humanos, faz-nos assistir à corrente alterna da vida e ajuda-nos a perceber a história de um no destino de todos.

O acto de "eu" visitar quem sofre é importante para mim. Para quem está enfermo é importante a visita de quem faz falta e de quem, na surpresa, dá um reconhecimento de méritos antes calados. É mais uma oportunidade de perdão e de acção de graças.

Mas nem sempre chega. É então tempo de cuidar mesmo quem não se conhece ou não tem ninguém conhecido. Em tempos de profundo individualismo, também damos testemunho da bondade humana quando nos juntamos para prover colectivamente o conforto a quem sofre. Há quem lhe chame civilização. Eu prefiro chamar-lhe misericórdia. A Santa Casa que antes de o ser já o era.

Para além de que, na recta da vida, são cada vez mais os idosos e, nestes, o corpo cansado cede em demasia e aumenta a dependência e a solidão faminta. Este é um tempo em que, como nunca, enfermo é sinónimo de idoso, quando ainda nem sequer conseguimos evitar a doença aos que não têm hipótese de chegar a velhos.

Visitar os doentes faz parte do roteiro do nosso conhecimento.

Fosse eu suficientemente humano para ver cada um dos irmãos como um complemento de mim e nenhum sofrimento me seria estranho nem regatearia tempo nem a partilha da dor.

Fosse eu capaz.



VISITAR OS PRESOS

AUTOR: Bruno O. Gonçalves

VISITAR OS PRESOS

António Manuel Moiteiro Ramos
Bispo de Aveiro

Estava na prisão e fostes ter comigo (Mt 25, 36)

A parábola do juízo final é uma das páginas mais belas do Evangelho: o Filho do Homem vem com todo o Seu esplendor, acompanhado dos Seus anjos, senta-se no Seu trono e apresentam-se diante d' Ele todas as nações. A ideia central é que Ele há de julgar-nos pelo amor, pelo amor com que tratámos o próximo, principalmente os mais humildes e pequenos, e com os quais o próprio Cristo se sente solidário.

Este texto deve levar-nos a compreender e a discernir as nossas atitudes e maneiras de nos posicionarmos face aos outros. Inicialmente, os destinatários são os discípulos, a comunidade do Reino, mas hoje, somos todos nós.

A ajuda fraterna de que se fala é a caridade sobrenatural dos discípulos de Cristo, e não uma simples ajuda mútua prestada à margem da fé e sem a ajuda da graça. Os destinatários deste amor são todos os homens, mesmo que não pertençam à comunidade cristã. Mais ainda, este mesmo amor humano é o único caminho para chegar ao Reino, embora nunca se tenha ouvido falar dele. Mesmo quando os homens, com a espontaneidade do seu amor, não têm consciência de servir a um membro de Cristo, na realidade estão a servir o próprio Cristo: «O que fizerdes aos outros, é a mim que o fazeis» (cf. Mt 25, 40).

A sétima obra de misericórdia – visitar os presos – é a última da série apresentada pelo Evangelho de S. Mateus, e enquanto as primeiras apresentam o faminto, o sedento, o nu e o doente como vítimas, o preso acarreta em si próprio a culpa das suas ações.

Ao longo da sua vida, Jesus identificou-se com os últimos da sociedade do seu tempo, e os seus contemporâneos chegam mesmo a escandalizar-se por «ser amigo de cobradores de impostos e pecadores» (Mt 11, 19). O amor aos prisioneiros não é uma realidade que queremos promover hoje; esteve sempre presente desde os primeiros tempos do cristianismo. Depois do rei Herodes «ter mandado matar à espada Tiago, irmão de João, e, vendo que tal procedimento agradara aos judeus, mandou também prender Pedro». Enquanto Pedro estava preso, «a Igreja orava a Deus, instantemente, por ele» (At 12, 3.5). O mesmo acontece com o apóstolo Paulo ao agradecer aos cristãos de Filipos a amizade manifestada enquanto esteve preso, ocasião para que muitos irmãos anunciassem com mais coragem a Palavra de Jesus (cf. Fl 1, 13-14).

A partir das invasões dos muçulmanos em terras cristãs, começou a ser frequente os cristãos ficarem sob o seu domínio como prisioneiros de guerra, exilados ou oprimidos pelos conquistadores. A Igreja preocupava-se com eles e procurava libertá-los. No século XIII surge mesmo uma ordem religiosa com a

finalidade de libertar os prisioneiros: «O cativo é a maior miséria dos homens, pois Deus criou-os para a liberdade, e enquanto se encontram presos vivem de uma forma absolutamente miserável: não são donos de si mesmos e vivem na maior das pobreza» (Constituições dos Mercedários).

Atualmente, as prisões comportam toda a espécie possível de delitos, com diferentes graus de responsabilidade e capacidade de recuperação e inserção na sociedade. Elas devem ser espaço de anúncio da boa nova do Evangelho, para se conseguir a reinserção na sociedade, através da criação de espaços de acolhimento, escolas e trabalho remunerado e ajuda aos familiares dos reclusos. Todos os que trabalham neste campo específico da pastoral devem despertar a esperança e o sentido da própria dignidade neste mundo, tantas vezes à margem da sociedade.

O que devem os cristãos fazer para praticarem, hoje, esta obra de misericórdia?

1º Devem tornar-se presença viva junto de quem vive na prisão. A população prisional é formada em grande parte por pobres, marginalizados, estrangeiros, toxicodependentes... Muitos destes nossos irmãos não têm quem os ajude a terem esperança e a olhar o futuro com novos olhos. Terem alguém que os escute e com quem falar, é o primeiro passo para recuperar a dignidade perdida.

2º Ajudar, através do diálogo, a encontrar um sentido para a vida. Temos de ajudar o nosso irmão preso a olhar para o passado sem se manter refém da culpa cometida, nem preso do remorso. Há que assumir o presente com as suas limitações e olhar para o futuro de um modo realista, tendo em conta a pena a que foi julgado e o momento, muitas vezes crítico, da saída da prisão.

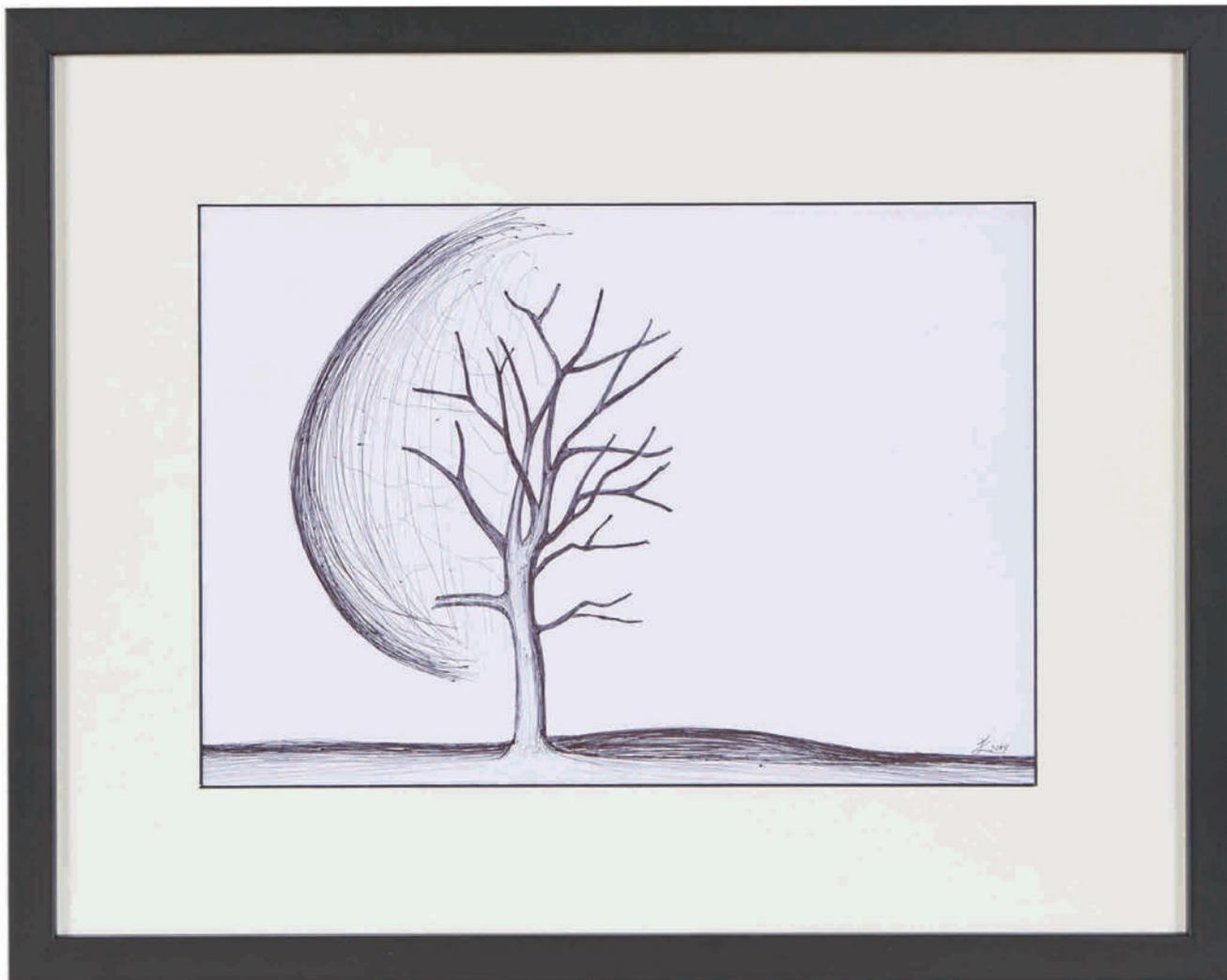
3º Apoiar as famílias dos presos, ajudá-las a confrontarem-se com a situação do seu familiar privado de liberdade e prestar-lhes a possível assistência jurídica, e até económica. Não devemos esquecer que as famílias dos nossos irmãos presos são carenciadas e muitas vezes também elas necessitadas de ajuda.

4º Cuidar a reinserção na sociedade é uma obrigação não só dos serviços prisionais de um país e da própria prisão onde o preso se encontra a cumprir pena, mas também de todos aqueles que trabalham neste setor da pastoral da Igreja. Ao receber um grupo de capelães de prisões italianas, o Papa Francisco pediu-lhes para comunicarem a todos os presos que rezassem ao Senhor e a Nossa Senhora para puderem superar o momento difícil de vida em que se encontram: «Nenhuma cela é tão isolada a ponto de excluir o Senhor... nenhuma. Ele está ali: chora com eles, trabalha com eles, espera com eles. O seu amor paterno e materno chega a todos os lugares. Espero que cada um deles abra o seu coração a este amor do Senhor».

5º Recuperar aqueles que se encontram prisioneiros, isto é, ajudá-los a iniciar uma vida nova. Foi o que aconteceu com o carcereiro da prisão de Filipos, onde Paulo e Silas se encontravam na sequência de um tumulto da multidão contra eles (At 16, 22-34). O carcereiro, a meio da noite, ao sentir o terramoto

e ao ver abertas as portas da prisão, entra em desespero e pensa matar-se. Mas Paulo tenta ajudá-lo e ele, a tremer e cheio de admiração, pede a salvação. Num comentário deste texto dos Atos dos Apóstolos feito pelo Papa Francisco aos participantes da Assembleia Internacional da Caritas, o Papa sublinha a forma como aquele homem percorreu as etapas essenciais do caminho da fé e da salvação, as quais devem ser fonte de inspiração para o trabalho nas prisões: «escuta a palavra do Senhor, juntamente com a sua família; lava as feridas de Paulo e Silas; recebe o Batismo com todos os seus familiares; e, finalmente, acolhe Paulo e Silas em sua casa, põe a mesa e oferece-lhes de comer, cheio de alegria».

6º O serviço no amor é o cerne da proposta de Jesus e a primeira exigência da comunidade cristã. No final da vida seremos julgados pelo amor, amor que se faz serviço. O gesto do Lava-pés (Jo 13, 1-12), na Última Ceia, simboliza o fundamento da comunidade cristã: uma atitude de serviço que mostra a liberdade e igualdade fraterna que deve reinar na nova comunidade. A verdadeira dignidade do homem reside na entrega aos outros. Esta é a maneira de atuar de Deus, tal como Se revelou em Jesus. Se queremos ser seus discípulos, o serviço aos irmãos é uma exigência que brota da nossa fé: «Estava na prisão e fostes ter comigo... o que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos foi a mim que o fizestes» (cf. Mt 25, 40). Unidos na caridade, temos de nos interpelar e ajudar a redescobrir o amor.



ENTERRAR OS MORTOS

AUTOR: Fernando Grave

ENTERRAR OS MORTOS

João Pedro Mateus

Sepultar os mortos é uma prática tão antiga como o próprio Homem. Os monumentos mortuários que a arqueologia vai descobrindo permitem-nos reconstruir ao pormenor a vida do homem desde os tempos mais recuados da Pré-história. O facto de seleccionarem os locais mais adequados para o enterro e a sua cuidada preparação revelam-nos um ser dotado de pensamento simbólico, o que nos remete para a vertente espiritual do ser humano.

Os especialistas dizem-nos que o Homo Sapiens já fazia oferendas mortuárias de objetos da vida diária, designadamente, flores, enfeites corporais, ferramentas, armas e utensílios de cozinha, bebidas e alimentos. E todos estão de acordo que, enterrar os mortos, é o primeiro sinal que podemos observar no registo histórico da Humanidade.

Por tudo isso, é natural que o ser humano, ao confrontar-se com a sua finitude e com a tarefa antropológica primordial de alcançar a felicidade, passasse a conceber a Vida como um valor inestimável e precioso. E nessa reflexão, acabaria por se projetar numa instância para além da morte, onde a corruptibilidade e a imperfeição não existem e onde tudo é harmonia e felicidade eterna.

A preocupação no sepultamento dos seus mortos acompanhou, portanto, o ser humano desde o início da sua já longa e brilhante caminhada sobre a Terra.

Isto conduz-nos à ideia de que o Homem, para além de ser um animal racional capaz da palavra e de ser membro de uma sociedade, é também um ser religioso, encontrando na sua fé a força anímica que lhe permita enfrentar o mistério último da existência, sem desespero.

Cada religião, ao configurar de uma forma particular a relação de cada ser humano ao mundo, à sociedade e aos outros, contribui para a constituição de comunidades culturalmente distintas.

Em quase todas as religiões encontramos elementos mais ou menos constantes, que permitem a identificação e diferenciação de cada religião: Os ritos culturais, designadamente, orações, cerimónias e outros rituais relativos ao nascimento, ao casamento, à doença, à morte; as narrativas míticas acerca da origem do mundo e da vida; a existência de mediadores entre a humanidade e a divindade, nomeadamente, profetas e sacerdotes; a ideia de salvação ou condenação; mas também lá encontramos um verdadeiro Código de Ética imposto e sancionado pela Instância Divina.

(Marcos 12-30, 31) "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes".

O Mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" foi mote de reflexão, desde os primórdios da nossa Religião, para o tema da Misericórdia, que foi definida como "uma virtude moral que desperta a compaixão pelo próximo e procura minimizar a sua miséria".

Já no Antigo Testamento nos aparecem referências às Obras de Misericórdia (Livro de Tobite 1 – 16, 17) " Durante o reinado de Salmanasar eu dava muitas esmolas aos meus irmãos, fornecendo pão aos esfomeados e vestindo os nus, e se encontrava morto alguém da minha linhagem, atirado para junto dos muros de Nínibe, dava-lhe sepultura".

E no Evangelho de S. Mateus (Mt 25 – 34 a 46) as obras de Misericórdia são enunciadas como um programa ideológico a cumprir e com uma clara dimensão escatológica, porque são relacionadas diretamente com o Juízo Final e com a Salvação / Condenação.

Durante a Patrística, que se desenvolveu desde o séc II até ao séc VIII, a Misericórdia foi tema de aprofundamento constante pelos primeiros padres da Igreja. Santo Agostinho, que utilizou a filosofia platónica para dar mais robustez ao Pensamento Cristão, foi o expoente máximo dessa época e considerou as Obras de Misericórdia um verdadeiro passaporte para o Paraíso.

Mas quem, de facto, veio mais tarde, já no séc. XIII, em plena Escolástica, a dar-lhe a sistematização definitiva foi São Tomás de Aquino, o grande pensador que reconciliou a filosofia de Aristóteles com o Cristianismo. As Obras de Misericórdia assumem com São Tomás uma verdadeira doutrina, em que são classificadas as obras em corporais e espirituais: " Com efeito, contam-se sete esmolas corporais: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, acolher os peregrinos, visitar os enfermos, redimir os cativos e enterrar os mortos". E distingue igualmente sete obras espirituais: "ensinar os ignorantes, aconselhar os que duvidam, consolar os aflitos, corrigir os pecadores, perdoar os ofensores, suportar os que nos incomodam e aborrecem, e orar por todos".

A crise atual da Humanidade, que está a provocar enormes movimentações de refugiados, que fogem dos seus próprios países, em pânico coletivo, com destino à Europa, onde temos observado atitudes que revelam uma preocupante falta de Misericórdia, a tal virtude moral que desperta a compaixão pelo próximo e procura minimizar a sua miséria, entrou decididamente nas preocupações do nosso Papa Francisco, que acaba de publicar a Bula que proclama o ano de 2016, como Ano Jubilar da Misericórdia:

(...) "É meu vivo desejo que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporais e espirituais. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina. A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos. Redescubramos as obras de misericórdia (...).

Numa altura em que as forças desintegradoras da sociedade se agigantam, o apelo do Papa abre-nos caminhos de expectativa e de esperança.

Em conclusão: O dever de enterrar os mortos corresponde à sétima Obra de Misericórdia da doutrina tomista. Como tudo tem sempre a sua razão de ser, pela leitura do Livro do Génesis 2 - 2 "Concluída, no

sétimo dia toda a obra que havia feito, Deus repousou no sétimo dia de todo o trabalho por Ele realizado". E como as palavras são o grande armazém do saber humano, fomos ao encontro da origem da palavra "Cemitério". Esta palavra vem do grego Koimetérion que significa dormitório, quarto de dormir. Por conseguinte, resta-nos formular o voto, bem sentido, de que os nossos mortos descansem em PAZ.

AS
14

OBRAS
DE
Misericórdia

A large, stylized number '7' is the central graphic element. It is composed of a solid blue shape on the left and a white shape on the right, creating a diagonal split. The blue shape has a horizontal top edge and a vertical left edge, while the white shape has a diagonal top edge and a vertical right edge. The overall effect is a bold, geometric representation of the number 7.

7
OBRAS
ESPIRITUAIS



DAR BONS CONSELHOS

AUTOR: João Carlos Francisco Sarabando

DAR BONS CONSELHOS

Manuel de Lemos

Presidente da União das Misericórdias Portuguesas

As obras de Misericórdia são desde o primeiro momento da fundação destas instituições o mais perfeito ideário programático para a sua ação quotidiana. Com uma abrangência de atuação transversal e uma capacidade impar de atualização, as sete obras corporais e as sete espirituais garantiram uma missão concertada em todas as Misericórdias ao longo de mais de cinco séculos.

Ao abordar especificamente uma das obras de misericórdia espirituais, Dar bons conselhos, importa referir a inspiração cristã deste código de conduta que, em tudo, deseja contribuir para o bem-estar material e psicológico do ser humano.

A partir do texto evangélico das bem-aventuranças, a regra maior das Misericórdias vai procurar abarcar toda a dimensão da existência humana de modo a que pelo bem de uns outros consigam o seu próprio bem. Nesta relação de dar e receber ambos os lados ficam a ganhar. Quem dá beneficia quem recebe, mas quem recebe capitaliza no seu benfeitor o bem para o caminho da salvação eterna.

Dar bons conselhos esteve desde sempre associado a duas atividades muito queridas das Misericórdias. Por um lado, a sua dimensão pedagógica no acompanhamento dos órfãos que acolhiam e que se dispunham orientar para a sua vida adulta. Aqui o bom conselho era fundamental. Existem, aliás, textos belíssimos de códigos de conduta para orientação dos órfãos, que mais não são que listas de bons conselhos.

Por outro lado o bom conselho assume uma especial dimensão no atributo dos Provedores em protagonizarem a missão de reconciliar pessoas desavindas em cada terra. As Misericórdias, também nesta área das relações humanas interpessoais, assumiram um papel importante. Procurar quem estava desavindo para conseguir estabelecer entre si a amizade, o fazer amigos, como muitos Compromissos ainda referem, era uma das nobres faculdades do Provedor da Misericórdia.

Dar bons conselhos é o propósito de aconselhar, que consiste no dom de orientar e ajudar quem precisa.

Neste quadro as Misericórdias atuam, nos dias de hoje, em variadas circunstâncias dando estrito cumprimento ao sentido desta obra de misericórdia.

Aconselham os seus utentes, muito em especial os jovens que se acolhem na instituição ou que são educados por esta.

Aconselham os seus irmãos no sentido evangélico da missão que promovem.

Aconselham os mais frágeis e vulneráveis. Aconselham os presos que visitam amiúde. Aconselham, numa dimensão impressionante, os mais frágeis na saúde do corpo e da mente.

Aconselham os seus pares nos fóruns em que participam no contexto local em que se inserem. Aconselham as políticas públicas para uma maior e mais eficaz atuação.

Aconselhar é pois ajudar, procurar consensos, respeitar as diferenças, mas sobretudo ir ao encontro do outro.

Nesta prática de aconselhamento não há que impor, nem pressionar, nem criticar, há, isso sim, que ouvir, compreender, respeitar, sensibilizar e promover a harmonia.

A própria essência das obras de misericórdia não se baseia numa atitude ou sentimento de pena para com o outro, mas antes numa postura de entrega, compaixão e solidariedade. E neste contexto exercitar as obras de misericórdia é olhar para o outro com otimismo e de igual para igual. Dar bom conselho é propor o bem e o melhor para quem precisa. É acima de tudo identificar no outro o objeto do amor e a oportunidade da remissão.

Neste quadro permitam-me que aproveitando esta excelente iniciativa da Misericórdia de Vagos, aqui deixe expresso alguns conselhos que, enquanto Presidente da União das Misericórdias Portuguesas, dirijo aos leitores desta obra e muito em especial às Misericórdias Portuguesas.

As Misericórdias de Portugal representam um dos melhores ativos da identidade Lusa. Instituições genuinamente portuguesas, na génese e na missão que desempenham, as Santas Casas da Misericórdia desenvolvem, há mais de cinco séculos, uma atividade que marca indelevelmente a vida de milhares de portugueses.

Nesta linha de pensamento exorto todos a respeitar e seguir, sem receios, a prática das obras de misericórdia.

Aos sinais dos tempos, há que recriar respostas adequadas a cada momento e circunstância.

Com discernimento e lucidez, há que priorizar a ação e qualificar os atores.

Ancorados numa identidade forte e única, há que promover o futuro com eficácia, modernidade e sustentabilidade.

O sentido mais profundo de ser Misericórdia é ter presente o rosto de Cristo no irmão que precisa de nós. É ser humilde e verdadeiro de coração. É sofrer com os que sofrem. É entregar-se totalmente à causa do outro sem interesses pessoais ou oportunismos.

Instituição do povo, criada e gerida pelo povo para benefício dos seus semelhantes, as Misericórdias, reúnem na sua identidade o que de mais nobre há na nação portuguesa. Neste contexto, as Misericórdias representam um património único de valor inestimável, pois são instituições que perduram pelos séculos, sustentadas numa atitude cívica e humanista que, identificada com os seus valores, assume, geração após geração, o propósito e a missão de praticar o bem e ajudar quem mais precisa.

“Sede misericordiosos como vosso Pai do céu é misericordioso”(Lc 6,36)



ENSINAR OS IGNORANTES

AUTOR: Paulo Graça

ENSINAR OS IGNORANTES

Silvério Regalado

Presidente da Câmara Municipal de Vagos

No Evangelho de São Lucas, Jesus diz, “dai e ser-vos-á dado”. Esse é precisamente o objetivo principal das obras de Misericórdia. Acredito que, só desta forma, cumprimos a vontade de Deus.

No que ao conhecimento diz respeito, a partilha é, de facto, uma premissa fundamental. Numa sociedade cada vez mais globalizada, o acesso à informação é uma grande evolução que nos foi trazida, sobretudo, pela generalização do uso da Internet e ainda mais exponenciado pela utilização das redes sociais.

Esta é uma realidade à primeira vista repleta de vantagens, sobretudo no que diz respeito à aproximação entre os povos e no desenvolvimento de uma consciência global. Pode-nos ajudar a despertar para a questão das desigualdades dos recursos e das condições de vida entre os seres humanos mas pode tornar-se uma perigosa via, se aproveitada em prol do Mal e do Pecado.

O melhor/pior exemplo que temos deste facto, numa realidade ainda muito presente no nosso dia-a-dia, é a forma como os grupos radicais utilizam a internet, as redes sociais e as comunidades virtuais para atrair para si os mais vulneráveis, pregando falsas profecias e fazendo destes “ignorantes” brutais assassinos que cometem crimes em nome de um falso deus.

Enquanto no passado, ensinar os ignorantes, era algo que se fazia (como o fizeram diversas instituições cristãs ao longo de vários séculos) através do ensino da escrita e da leitura, hoje o desafio é diferente. Embora a sociedade dos nossos tempos seja mais letrada, com maior acesso à formação e à informação, também é uma sociedade cada vez mais afastada da vida social e cada vez mais fechada sobre redomas individuais, onde a presença de outro qualquer ser humano se torna um estorvo.

Em determinados momentos, parece que se perderam os princípios e os valores. Vivemos numa sociedade que aceita como um dado adquirido que os valores estão em crise. É certo que em todas as épocas sempre surgiram vozes manifestando idênticas impressões. No entanto, nos dias de hoje, parece ser assumido que se terá atingido uma crise generalizada.

Nos dias de hoje não existem critérios seguros para distinguir o justo do injusto, o bem do mal, o belo do feio. Tudo é relativo, tudo é subjetivo.

Tudo depende das circunstâncias e dos interesses em jogo.

Vivem-se tempos difíceis, e não me refiro apenas às dificuldades por que passa o mundo, com as crises na europa ou os conflitos no Médio-Oriente, refiro-me à crise que vem destruindo a nossa sociedade. A crise de valores! Valores como a dignidade, o respeito, a tolerância, a partilha, a generosidade, a caridade.

É por isso que a família representa um dos principais pilares na formação do Homem.

É na família que, em princípio, qualquer ser humano adquire os seus primeiros valores, e por isso devemos ensinar a que seja preservada a estrutura familiar, mesmo com as profundas alterações económicas, científicas e tecnológicas que a nossa sociedade moderna tem conhecido.

Devemos ensinar a respeitar a diversidade humana com a qual vivemos, ensinar a partilhar e a ajudar, ensinar a ser tolerante, ensinar a amar e viver em paz, ensinar a ser bondoso e generoso, no fundo, ensinar a “Fazer aos outros o que queremos que eles façam a nós”.

Não terá sido uma mera coincidência que o Papa Francisco, Homem de discurso simples e de uma bondade inigualável, capaz de gestos que exemplificam diariamente as obras de Misericórdia, convocou o Ano Jubilar da Misericórdia.

Os factos atrás referidos estão bastante presentes quando Francisco afirma que está “convencido de que toda a Igreja encontrará neste Jubileu a alegria para descobrir e tornar fecunda a misericórdia de Deus, por meio da qual todos somos chamados a consolar cada homem e cada mulher do nosso tempo”.

Os ignorantes a que se refere esta obra espiritual de Misericórdia, não são necessariamente os menos letrados, mas sim os que não querem saber, apesar de poder ter acesso à informação, ou aqueles que se procuram isolar da vida em comunidade. O ditado popular é antigo, mas sempre atual, “não há maior cego do que aquele que não quer ver”.

Cumpra aos indivíduos, que têm responsabilidade na vida social, abrir as portas para esta necessidade de vida em comunidade, para alertar que cada um de nós deve saber ocupar o seu espaço na sociedade que integra.

Esse ensino deve ser traduzido através do exemplo.

De pouco nos serve ter referências que, apesar de pregarem os bons exemplos, não sejam capazes de os aplicar na sua vida. É preciso que a sociedade volte a adquirir uma paleta de valores, transmitidos de geração em geração, capazes de estabelecer uma vida de princípios e com regras.

Um bom cristão, ou pelo menos um Homem de bons princípios e virtuoso, que não reaja às várias atrocidades que a nossa Humanidade sofre nos dias de hoje, não estará, com certeza, à altura das obras de Misericórdia.

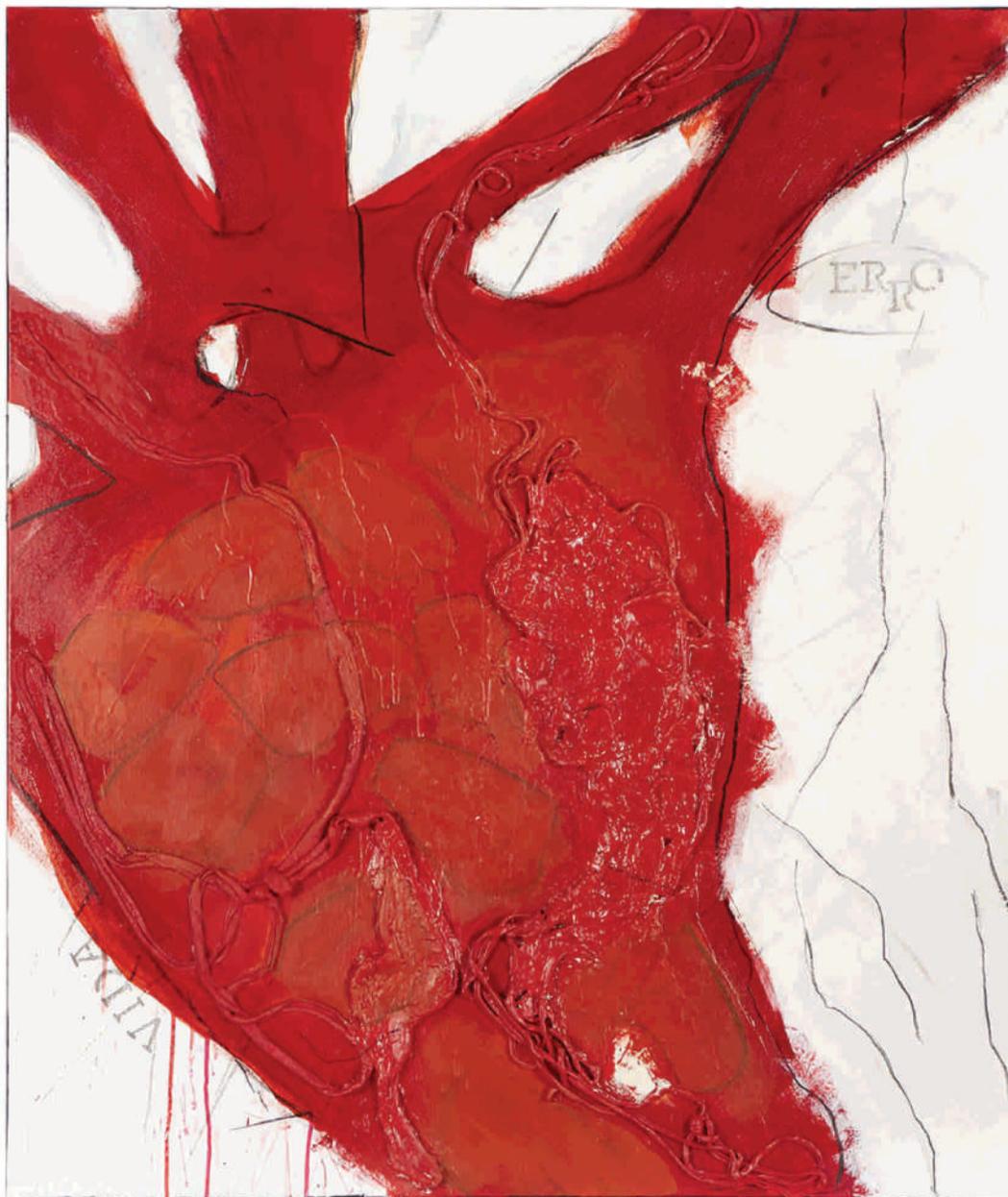
É este o grande desígnio do futuro e a grande evolução, na minha opinião, da aplicação desta obra de Misericórdia nos dias de hoje.

Basta que respeitemos os nossos princípios, tenhamos firmeza em nossas crenças e demonstremos isso em nossos atos concretos. Essa deve ser a contribuição de cada um para um mundo melhor.

Importa por isso, como referi atrás, ensinar pelo exemplo. Como diz o Livro de Daniel, “os que ensinam a justiça ao povo, brilharão como as estrelas pela eternidade sem fim”.

É preciso que cada um procure os verdadeiros valores dentro de si. Todos sabemos o que é certo e o que é errado. Manter a fé é que nos dará forças para enfrentar todas as dificuldades e para fortalecer as sementes boas.

Elas germinarão!



CORRIGIR COM CARIDADE OS QUE ERRAM

AUTOR: Filomena Neves

CORRIGIR COM CARIDADE OS QUE ERRAM

Maria de Belém Roseira

Presidente da Assembleia Geral da UMP (2001-2006 e 2010 -2015)

É conhecida e reconhecida a matriz das Misericórdias Portuguesas estruturada em torno das 14 obras de Misericórdia: 7 espirituais e 7 corporais.

Ao longo do tempo e dos tempos a interpretação das obrigações que daí decorrem para estas instituições tem permitido acompanhar a evolução que os tempos exigem ao exercício da sua acção e isso radica, também, na virtuosidade da mensagem cristã de que são obreiras privilegiadamente colocadas.

Neste contexto, o conteúdo ou a interpretação a dar a cada uma das obras de Misericórdia em presença têm-se adaptado às exigências de cada época, interpretadas estas de acordo com o pulsar da sociedade e o seu enquadramento na Doutrina.

Falar, pois, hoje, sobre a obra de caridade “corrigir com caridade os que erram” não pode ser feito de acordo com um modelo magistral – em que de um lado está a virtude de uns, num pedestal, e, do outro, os que erram, numa posição de inferioridade – mas antes tendo a noção de que todos erramos, o que significa a horizontalidade do nível a que todos nos encontramos.

Com efeito, o próprio conceito “caridade” foi evoluindo, pois épocas houve em que ele derivava directamente das “migalhas que sobram das mesas dos ricos e que eram dadas aos pobres”, aplacando, assim, as consciências dos que mais tinham e que pouca atenção davam aos menos abonados. Este conceito tinha 2 características principais: a verticalidade: os ricos olhavam, de cima, para os pobres, em baixo; e a materialidade: reconduzia-se à partilha de bens materiais.

Ora, hoje em dia, as exigências são muito maiores: por um lado, a verticalidade não é aceitável (somos todos irmãos em Cristo e, conseqüentemente, estamos todos ao mesmo nível ou seja, no mesmo patamar) e a materialidade não esgota as nossas vidas, antes é uma pequena parte delas.

Bento XVI, nas suas elaboradas encíclicas “Deus caritas est” e “Caritas in veritate”, discorreu abundantemente, de forma profunda, do ponto de vista filosófico e teológico, sobre o conceito de “caridade” no século XXI identificando-o, no primeiro dos documentos referidos, com o de “Amor” e considerando que a centralidade da fé cristã reside no “Amor”, que “Deus oferece de modo misterioso e gratuito ao homem, juntamente com o nexó intrínseco daquele “Amor” com a realidade do amor humano..... para suscitar no mundo um renovado dinamismo de empenhamento na resposta humana ao amor divino”.

E acrescenta: “O amor apaixonado de Deus pelo seu povo – pelo homem – é, ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande, que, à luz do Antigo Testamento chega a virar Deus contra si próprio, o seu amor contra a sua justiça”. Já à luz do Novo Testamento, “Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se

num todo. No mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e em Jesus encontramos Deus"... "Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas extremamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor que ele precisa". Neste contexto, afirma Bento XVI: "Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência".

Nesta visão, podemos considerar, à luz dos nossos dias e dos ensinamentos da Igreja, que a prática das obras de Misericórdia, matriz das Santas Casas, é um instrumento ao serviço da doutrina social da Igreja e que as obras espirituais significam que "nem só de pão vive o homem" e que aquilo que é mais especificamente humano, aquilo que verdadeiramente distingue a sua natureza, é a imaterialidade.

Depois do que fica dito, "corrigir com caridade os que erram" significa que todos somos pecadores, que todos devemos aprender com os erros e que todos devemos ajudar os que erram, não numa perspectiva de superioridade, mas com "caridade" que, o mesmo é dizer, com "amor". Porque "o homem, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor e este está vertido na prática da caridade. Não numa perspectiva vertical, mas como qualidade inerente, congénita à própria fé cristã, realizando a Igreja, como é seu dever próprio, a prática da caridade através das organizações caritativas, enquanto actividade organizada dos crentes, como aliadas da construção do desenvolvimento humano e guiadas pela fé, que actua pelo amor.

E, aqui, somos chegados a São Paulo, que nos ensina que a caridade é sempre algo mais do que mera actividade: "Ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveita".

Como afirma Bento XVI, na interpretação que fixa relativamente à "caridade como amor": "A íntima participação pessoal nas necessidades e no sofrimento do outro torna-se, assim, um dar-se-lhe a mim mesmo.... Para que o dom não humilhe o outro, devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo, devo estar presente no dom como pessoa. Este modo justo de servir torna humilde o agente. Este não assume uma posição de superioridade relativamente ao outro, por mais miserável que possa ser de momento a sua situação.

Corrigir com caridade os que erram, pois, só pode traduzir-se em aprendizagem com os próprios erros, disponibilidade, humildade, respeito pelo outro, discipulação – a caridade (amor) não se exhibe – e muita, muita compreensão, traduzida no amor ao próximo como matriz identitária da fé cristã!



CONSOLAR OS TRISTES

AUTOR: Paulo Frade

CONSOLAR OS TRISTES

Querubim Silva
Padre

1 - A Misericórdia

O Papa Francisco proclamou, recentemente, o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, pela Bula *Misericordiae Vultus*. Ao falarmos das Obras de Misericórdia, não podemos deixar de mergulhar nas reflexões de Bergoglio, para entendermos a sentido profundo da misericórdia, para perceber o que somos chamados a viver.

É no mistério do agir de Deus que podemos vislumbrar o que seja a Misericórdia. “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na «plenitude do tempo» (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus” - diz o santo Padre.

Destes fundamentos urge que nos voltemos para o agir de Deus, a fim de discernirmos o caminho das Obras de Misericórdia. “Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” - escreve o Bispo de Roma, que preside à comunhão das Igrejas. Praticar as Obras de Misericórdia é “tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai”. É fazer do mandamento novo do Amor a prática quotidiana. É sobretudo nas parábolas da misericórdia que aprendemos o agir de Deus: “é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão” - diz ainda Francisco.

2 - As Obras de Misericórdia

Retomando continuamente a riqueza inesgotável do Vaticano II, a Igreja é chamada a “servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades” - como dizia o Beato Paulo VI, no encerramento do Concílio. Sem deixar de advertir dos erros, a missão da Igreja é respeitar as pessoas e ir ao seu encontro com a ternura, com o carinho, com a compreensão e o perdão de Deus. Em vez de castigos e presságios funestos, compete-lhe semear a confiança e regenerar a esperança.

Com diz Francisco: “Em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor «visceral». Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão”.

A pessoa humana é um todo irrenunciável. Uma unidade perfeita de corpo e alma, não é um deus, um ser infinitamente perfeito. Tem capacidades de caminhar, pela sua condição de criada por Deus e por Jesus Cristo redimida, para a vida plena. Mas sofre os limites de vulnerabilidades materiais e espirituais. E, por isso, a manifestação do amor de Deus pela mediação da Caridade dos cristãos, envolve aspetos corporais e espirituais. Que não são dissociáveis. A fome e a nudez implicam tristeza, solidão. A doença e a privação da liberdade, envolvem perda de esperança, carecem muitas vezes de conselho e porventura correção... Somos um todo! Vivemos e acolhemos a Caridade com efeitos sobre o nosso corpo e o nosso espírito. Daí que, mesmo dividindo as Obras de Misericórdia em corporais e espirituais, precisamos de ter sempre em conta que o nosso agir, o nosso testemunho cristão, se dirige à totalidade da pessoa humana.

3 - Consolar os tristes

O termo grego que designa o ato de consolar - *parakalein* -, significa “chamar para junto de si”, “mandar chamar”; significa também “exortar”. A consolação é, antes de mais, procurar uma proximidade, fazer “presença junto de” quem está em desolação, em isolamento, por variadas circunstâncias. É certo que, por vezes, a consolação pode ser transmitida por palavras. A linguagem bíblica fala desta proximidade mediada por palavras de carinho e de apoio. Mas sobretudo quando se trata de uma pessoa só, ou de uma família, a presença silenciosa pode tornar-se mais eficaz. Sobretudo uma presença capaz de escuta. Recordemos que Job (16,2) manifesta que os seus amigos, em determinada altura, se tornaram, pelas suas palavras, “consoladores importunos”.

Apressar discursos é, as mais das vezes, sinal da nossa angústia, do nosso medo, face àquele ou àquela que vamos consolar. “Mais difícil, mas mais capaz de alcançar o outro na sua dor, é escutar o seu

sofrimento, deixar que seja o seu silêncio, o seu estado de espírito, a sugerir gestos, tempos, movimentos, silêncios, palavras, olhares, abraços, carícias, distâncias, para lhes poderem servir realmente de consolação”.

Precisamos de muita humildade, para nos despojarmos de formas de “poder consolador”, temos de “renunciar às respostas salvíficas, à ilusão de possuir técnicas de consolação”. Até porque quem se faz próximo do que está triste não consegue fazer mais do que estar próximo, gerar clima de encontro. Não pode substituir o triste; não pode pensar que sabe consolar; não poderá ter a veleidade de que o bem-estar do outro dependa de si. “A consolação não é uma intervenção anestésica. Trata-se de entrar, de certo modo, na situação do outro, ou melhor, de estar ao lado do outro e de mostrar empatia comunicando-lhe o nosso sentimento, que ocorre mediante uma sábia e equilibrada relação de tensão do corpo, atenção da mente e sensibilidade das emoções”.

“Na Bíblia repete-se com frequência esta lamentação: «Esperava alguém que me consolasse, mas não encontrei» (Salmo 69,21), ou esta amarga constatação: «Vede as lágrimas dos oprimidos; eles não têm consolador. Os seus opressores fazem-lhes violência: eles não têm consolador» (Eclesiastes 4,1)”. É que, em verdade, não abundam aqueles que vivem a misericórdia nesta missão de consolação. “Trata-se de uma comunicação íntima e pessoalíssima. Se o próprio Deus é o verdadeiro sujeito da consolação, a sua ação de consolador é descrita recorrendo às imagens de uma mãe (cf. Isaías 66,13) e de um pastor (cf. Isaías 40,11). Assim, a consolação revela-se como elemento essencial do cuidado que Deus tem pelo seu povo e pelas suas criaturas, cuidado esse que tende para a plenitude de vida do seu povo. É significativo que a imagem talvez mais comovente, que exprime a salvação escatológica, seja a de Deus que enxuga as lágrimas dos olhos das criaturas (cf. Apocalipse 7,17; 21,4)”.

Ficam as palavras finais do texto inspirador destas linhas (de Paolo Benedetti): “Entre as mais praticáveis... obras de misericórdia espirituais, há uma sempre necessária [...]: consolar os aflitos. A civilização contemporânea teme os aflitos e foge deles, e não sabe transmitir o contágio da consolação.



PERDOAR AS INJÚRIAS
AUTOR: Angelo Costa

PERDOAR AS INJÚRIAS

Jorge Carvalhais

"São como um cristal, as palavras. Algumas, um punhal, Um incêndio"
Eugénio de Andrade

"Entre nós e as palavras (...) há palavras de vida há palavras de morte"
Mário Cesariny

Ao sexto dia, Deus criou o Homem à Sua imagem. Ao sétimo, descansou. Provavelmente, nós aproveitamos e descansamos com Ele nesse dia. Porém, ao oitavo dia, o homem autonomizou a sua existência. Se, na reflexão filosófica de Santo Agostinho, o Criador concedeu ao homem o livre-arbítrio para que pudesse realizar o Bem, foi a deficiência desse mesmo livre-arbítrio que veio dar origem a todo o mal.

Hoje vivemos o oitavo dia. "No princípio era Aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus." A Palavra é o Bem. Assim deveria acontecer e assim sucederia se, naquele dia, o homem não tivesse começado a afastar-se do Bem. Consequentemente, também a palavra se apartou do Criador e a guerra teve o seu início.

Impiedosa, violenta, fratricida, assim é a guerra das palavras.

Por muito comum, e até trivial, que pareça, o início muitas vezes não passa de uma invenção, pensada, imaginada, ou de outra atitude que alguém resolve acentuar ou aumentar. Assim, de uma forma tão insonte qual conversa de vizinhas ou de amigos à mesa de café. Depois, se avança, tudo se enfatiza, porque como diz o povo "quem conta um conto, acrescenta um ponto". E de simples rumor, bisbilhotice ou mexerico, facilmente se excede, se abusa e se desmanda até se corromper na difamação, no insulto e na injúria. Entrar numa guerra assim, não deixa ninguém impune. Ninguém sai ileso, porquanto aos ataques se riposta com hostilidade.

Prescinde-se da estratégia, mas adentra-se no campo de batalha. E, na guerra de palavras, perfilam-se os contendores. Em campos semânticos bem definidos, antagónicos, rivais. De um lado o campo lexical do ataque. Do outro, o campo da defesa. Tão cruéis, devastadores, ferinos, um como o outro. Armados com nomes, advérbios e, principalmente, adjetivos... malévolos. Munindo-se de conjunções, locuções e, sobretudo, verbos... infestos, que tudo aglutinam. Ateia-se o incêndio e, ao invés de se extinguir, atiza-se na refutação.

Ei-los...

atacar	ripostar
perfidia	insidia
agredir	arremeter
mordaz	corrosivo
detrair	desonrar
agressivamente	animosamente
destruir	exterminar

A sete investidas revida-se com outras tantas campeadas. Numa espiral morosa, imensurável e perene...

E agora? Teremos nós que retornar ao sexto dia? Regressar ao Princípio e à Palavra? Mas tal é impossível!

O que há a fazer é (re)descobrir outro campo semântico. Às palavras de morte, urge resistir, não já belicosamente, mas com Ternura. Permutá-las com Palavras de Vida.

O Criador era o "Senhor dos Exércitos" e assim foi entendido pelo povo eleito. Entretanto, se Ele continua a estar na origem, enviou-nos o seu Filho com uma Boa Nova atualizada. "Aquele que é a Palavra tornou-se carne e habitou entre nós". Com Cristo a Lei cumpre-se, já não num decálogo mas num só Mandamento: o Amor. E Isso muda completamente o paradigma.

É todo um campo lexical que, não sendo novo, nos convida a rever as nossas atitudes e renovar as nossas práticas. A semântica do Amor é praxis e envolve tudo o que possa gerar Vida e Vida em Plenitude. Trata-se de fazer caminho, aplinar veredas, construir pontes. Saber que no nosso roteiro até podemos cair, mas que haverá sempre forma de nos reerguermos. Para isso, teremos que abandonar de vez o campo de batalha, desfazer-nos dos despojos de guerra e sarar as feridas. É refazer o oitavo dia, amanhecendo-o e amanhecendo-nos com ele. Nessa aurora, já não nasceremos em hostes adversárias, incitando-nos a quaisquer contendidas. As Palavras de Vida, implicam um único campo semântico:

Amar
Doação
Compreender
Generoso
Dialogar
Fraternalmente
Perdoar

São sete elementos, diversos na sua origem morfológica, todavia poderiam ser muitos mais. Na verdade, este campo lexical é infindo e contraria a lógica de que a sete afrontas se responde com sete

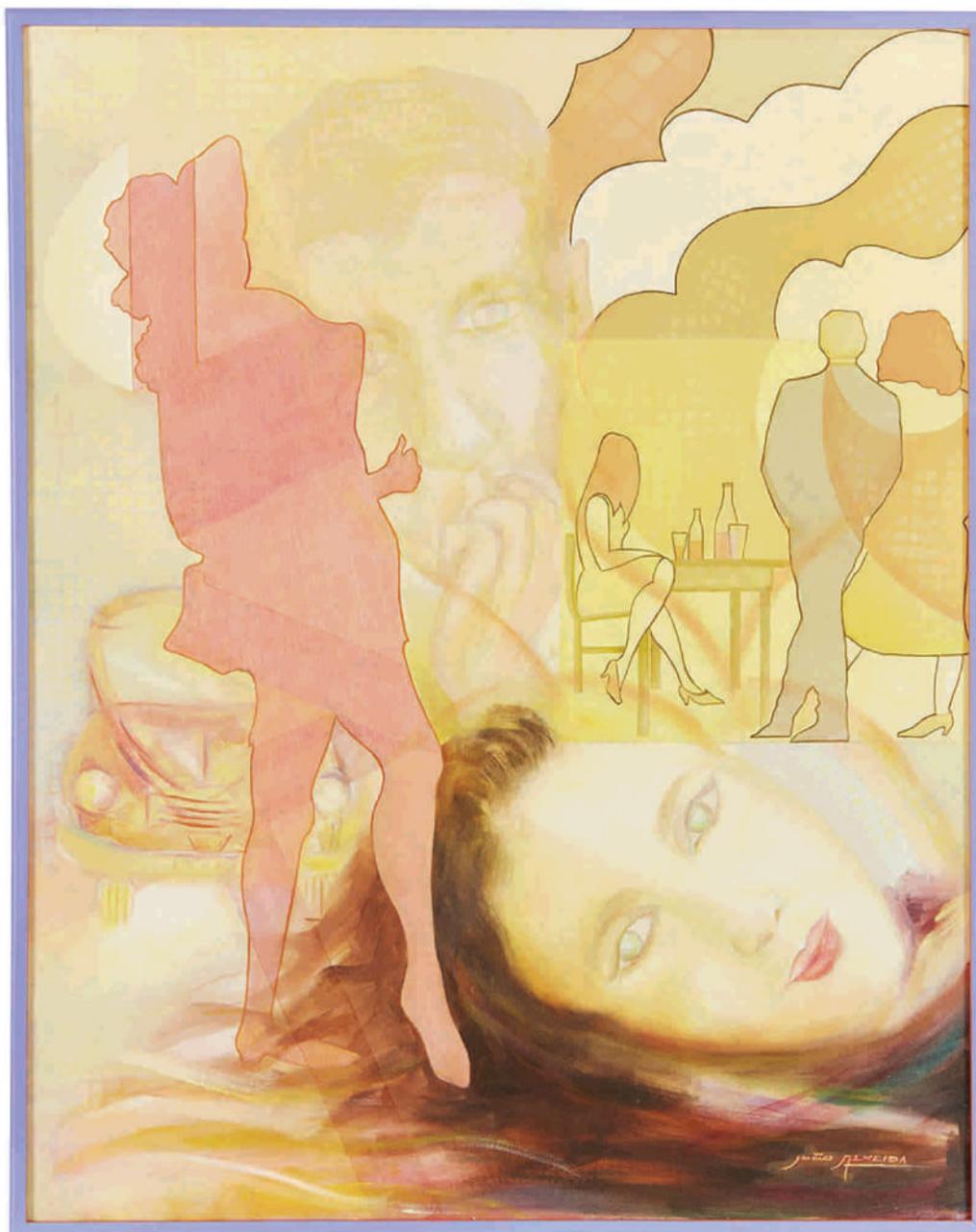
ofensas. Perguntava Simão, simples pescador da Galileia, “quantas vezes devo perdoar o meu irmão? Até sete vezes?”. Cristo respondeu com essa ideia de infinito: “não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete”.

Curiosamente, a partir do momento em que o Filho de Deus transforma Simão, ele passará a chamar-se Pedro e será um novo homem. Descobrir o Perdão, torna-nos novas criaturas. Aliás, o Perdão é alicerce para os “novos céus e nova terra” que o Evangelho nos chama a construir.

A sabedoria ameríndia, que ainda hoje perdura em muitas culturas ancestrais da América Latina, lembra que “perdoar” é algo que se deve fazer ao longo de todo o ano. Até aí, nada de novo. Porém é conhecida a prática uma antiga nação indígena, moradora na parte andina da bacia amazônica, que celebrava anualmente o “dia grande”. Um dia em que, pelo menos uma vez por ano, os indivíduos daquele povo eram convidados ao reencontro, ao diálogo e ao perdão. No final, ultrapassadas as divergências, uma enorme festa assinalava a expiação das faltas ao som dos tambores, das danças e dos cantos. Primícias de um novo tempo.

De volta à nossa cultura de matriz judaico-cristã... nunca será fácil replicar a quem nos injúria, respondendo com a aceitação, com a tolerância e com a transigência. Contudo, aí está o imenso desafio de quem tem a coragem de aceitar o apelo de Cristo e ousar segui-Lo nos seus atos e Palavras, conjugando um dos verbos mais difíceis e, por isso mesmo, mais fascinantes de se pôr em prática – Perdoar.

*“É grande e belo perdoar”
Dom Hélder Câmara*



SUPORTAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

AUTOR: João Almeida

SUPORTAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

Natália Cordeiro

“Lembrou-se de que eles eram humanos, um sopro que passa e não volta mais”, diz o capítulo 78 dos Salmos. E é esta verdadeiramente a questão, se nos obrigarmos a uma paragem introspectiva, pedindo emprestada ao tempo uma nesga moderada de lucidez, neste ansioso e urgente caminhar que nos consome os dias de impaciência. Os dias que nos foram generosamente emprestados, como tudo o resto na vida, para que usufríssemos, apaziguados e serenos, das suas horas, mas que passam por nós como uma voragem demolidora, enquanto nos atarefamos na perseguição desenfreada da autoafirmação individualista. A mesma força ditadora que nos subtrai furtivamente a vontade de esperar, e que nos torna intoleráveis a expectativa e a possibilidade, espezinhou o encanto, o fascínio quase infantil e ingénuo com que se aguardava uma novidade, com que se acolhia uma vitória, com que se assistia à lenta maturação de um projeto. Nesta maratona imparável e vertiginosa, a paciência deixou de figurar entre as virtudes do Homem para passar a contar-se entre os seus defeitos. De facto, ser pacífico e bom, perseverar com tranquilidade, suportar com bondade os defeitos e as faltas de outrem, sofrer as contrariedades com resignação são características dos fracos ou dos que têm vocação para a santidade. E como ninguém quer ser apontado como brando, débil ou covarde e a santidade dificilmente se alcançará, associamo-nos à paródia dos tempos modernos. Mas, olhai que, como sabiamente ensinava William Shakespeare “o tempo é algo que não volta atrás, por isso plante o seu jardim e decore a sua alma, em vez de esperar que alguém lhe traga flores...”, sabendo desde já que a vida terrestre é uma aragem, um volteio de ave, um suspiro de efémera, um malmequer que dura uma estação, alguns sorrisos e outras tantas lágrimas. A mesma que esmorece e definha, atropelada pelo Sistema, ignorada pelos afetos, resignada e indiferente perante a imponência dos obstáculos. A vida, que pressupõe e exige atenção ao pormenor, deleite diante da grandeza da simplicidade, dádiva genuína, voluntarismo, intencionalidade, compadecimento, piedade, doçura; a vida, única e irrepetível, nem servil, nem mimética, uma pitada proverbial de Eternidade condensada em momentos de felicidade.

Esta vida que é pureza de sentido não se compadece de plágios nem de ações vampíricas que lhe suguem a essência originalmente libertadora, mas reclama partilha, reclama compromisso, só se realiza no amor, na entrega despojada de interesse e no olhar cúmplice do outro. E esta cumplicidade deve ser uma característica transversal a todos os homens e mulheres, tão visível e tão palpável quanto a racionalidade fez de nós um plano único do criador, semelhantes todos no essencial, diferentes em aptidões, enriquecendo conjuntamente a humanidade. Este é, pois, um desígnio de fraternal caridade que se alicerça na responsabilidade de uns para com todos, não se resumindo a uma aspiração facultativa ou a uma opção mais ou menos vaga e abstrata, mas convertendo-se num imperativo tão categórico quanto exigente, que implica dinamismo e

disponibilidade interiores, resposta firme e imediata às carências e limitações do próximo, vertida em gestos, explanada em atitudes, concretizada em obras; as mesmas obras que redesenharão o projeto da humanidade, humanizando-a, aprimorando a arte do encontro, afinando a técnica da relação, impulsionando o ser humano até aos limites dessa bondade que tem em si em abundância, mas que está, tantas vezes, soterrada por sedimentos de vida aparente e resignada às conveniências.

Vencida esta peleja, que já concluímos ser primeiramente interior, fortalecidos pelas convicções morais, valores e princípios inamovíveis, combateremos com determinação e afinco a bárbarie e o cinismo, mas igualmente a intolerância e a indiferença, que se converteram em chagas dramáticas no mundo contemporâneo, sobretudo pela aridez que plantaram no coração do Homem, à semelhança do que lamenta o Papa Francisco “A globalização da indiferença tira-nos a capacidade de chorar”.

Certamente, não será leviandade dizer que, vivendo numa época de grandes atentados à dignidade humana, atentados esses perpetrados por fundamentalistas, terroristas, sádicos, maquiavélicas figuras que encontram justificação para o injustificável em abomináveis atos de covardia contra inocentes, esses mesmos atos ignóbeis, embora nos repugnem, indignem e sejam assertivamente entendidos como intoleráveis, não chegam para nos abrasar a consciência e nos impelir à ação. Se calamidades desta natureza nos mantêm presos ao nosso prático comodismo, como poderão atingir-nos a precaridade, o sofrimento, as feridas abertas, os gritos abafados daqueles que nos rodeiam e que vivem na periferia da dignidade humana? São imagens que se escapam da nossa vista seletiva, demasiado concentrados em olhar para o centro de nós mesmos, embora seja certo, uma vez mais, que olhar nem sempre é sinónimo fiel de ver. E é por esta simples particularidade que raramente enxergamos o que dentro de nós corresponde a verdadeiro eu ou a aparente cópia de nós mesmos, raramente distinguimos o que queremos daquilo que nos convém, quase nunca atentamos se aquilo que nos incomoda nos outros é o que eles são ou o que pensamos deles.

Se nos debruçarmos sobre os aspetos que nos maçam, aborrecem, nos causam desconforto ou irritação, nos inquietam, desgostam ou provocam moléstia no nosso relacionamento com os outros, se atentarmos naquilo que se nos revela insuportável em alguém, e se sinceramente nos despojarmos de qualquer fingimento, concluiremos, sem demasiado esforço, que, na dualidade de que somos feitos, superiorizam-se as tonalidades cinzentas da nossa personalidade, o histriónico lado sombra que oculta e domina a luz, e que deixa que se revelem sentimentos de rejeição, de desprezo ou desdém, de egoísmo, de orgulho e presunção e até mesmo de egolatria, mas, quantas vezes, estes sentimentos não espelham apenas os nossos medos e as nossas carências, o que significa que a barreira que nos impede de acolher com misericórdia as fragilidades dos outros somos nós mesmos, e alcançar os outros implica que cada um consiga vencer-se primeiro a si próprio.

É verdade que o ser humano é imperfeito por natureza, muito influenciável pelas correntes da moda, de caráter moldável e ajustado às circunstâncias, mas não deixa de ser igualmente verdade que a humanidade é capaz das maiores grandezas, por se revelar inconformada com o que é mau, perverso e cruel, porque ser paciente significa aceitar o outro com todas as suas facetas contraditórias e aspetos negativos. Ser paciente significa ser generoso e tolerante com as fragilidades do próximo, com as suas adversidades e

misérias, elevando as suas virtudes, desconsiderando os detalhes ou os acidentes de percurso, num claro desafio à superação, observando as incapacidades alheias com olhar longânime e perseverante. Ser paciente é tantas vezes apenas inculcar confiança, não permitir que se ceda ao desespero, acreditar na força interior de cada um, e por esta via fortalecer no outro a crença no sentido da vida. Mas ser paciente não corresponde a um ato de alheamento, a uma cedência inconsequente ou a uma alienação de personalidade. Paciência não pode confundir-se com resignação e passividade, capazes de inibir a capacidade humana na rejeição que se impõe perante a injustiça, a exploração, a violência, o despotismo, o abuso, a opressão, a prepotência. Paciência não é inércia face ao sofrimento seu ou alheio, mas antes ponderação e inteligência, capacidade de desconstruir processos de provocação e entraves passíveis de causar desânimo e desistência; serenidade e firmeza perante o mal e recusa em responder com armas idênticas às do adversário, acatando com benevolência a sugestão de São Paulo: "Pedimos-vos, porém, irmãos, corrigi os desordeiros, encorajai os tímidos, amparai os fracos e tende paciência para com todos"



REZAR A DEUS POR VIVOS E MORTOS

AUTOR: César Mouro

REZAR A DEUS POR VIVOS E MORTOS

Paulo Ricardo Moreira

A oração provém da linguagem. Desde tempos imemoriais, em todas as terras e culturas, homens soçobraram perante as agruras da vida, por falta de alimento, por falta de abrigo, por exposição aos elementos da natureza sob a forma de catástrofes, acidentes ou doenças, mas também por verem os seus mais queridos chacinados ou submissos àqueles que, não obstante a genética que nos irmana como Homens, fizeram da força física, numérica, oportunística, tecnológica ou política a alavanca para o exercício do despotismo, da tirania e da brutalidade. Sob a capa das doutrinas e religiões recrudescer, constante da História, a intolerância, assassinando a humanidade que nos permitiria assimilar a construtiva diferença e, sob o medo da morte e do sofrimento, germinou no Homem a necessidade de procurar no além místico, esotérico, religioso ou espiritual o necessário consolo para corpos, almas e futuros mutilados.

Das terras de Canaã à Pensínsula de Kamchatka, sob o calor tórrido dos desertos ou sobre o permafrost da tundra, agora ou há milénios atrás, homens, famílias, clãs, tribos e nações elevaram as suas inquietudes aos céus do seu próprio consolo interior. A fugacidade da vida, a perda inexorável dos que partiram e a aleatoriedade das decisões dos deuses que, jogando aos dados, infernizam as vidas de xadrez dos corajosos e saudavelmente orgulhosos peões, lançados demasiadas vezes em combates kamikazes contra reis, rainhas e bispos de cores diversas e intenções assassinas. A recorrente colheita dos invernos por todas as alegres e promissoras primaveras semeadas!

Nas grutas paleolíticas, nas tendas nómadas das estepes da Ásia Central, nos mosteiros da Birmânia, nas catedrais góticas da Europa, nos confins remotos da selva amazónica, no Kalahari ou no Outback Australiano, sob a égide das civilizações maia, egípcia, grega ou otomana, floresceram e rezaram homens e mulheres igualmente dignos, indiferentes e ignorantes às diferentes concepções de Deus, mas comuns nas suas angústias e na sua humanidade.

A oração provém da linguagem. Em todas as línguas, em todas as latitudes e longitudes, houve, há e haverá alguém a orar. A oração é exclusiva dos homens e, pela sua dimensão intelectual e consequentemente espiritual, consagra, quiçá, nela própria, a separação definitiva destes dos restantes animais. Por mim, quisera que o deus de Espinosa houvesse triunfado, quisera que o ecumenismo fosse o derradeiro caminho da humanidade desavinda e quisera que a Terra Prometida fosse tão-somente o merecido e necessário respeito sobre a terra e a felicidade de cada um!

Toda oração humana é normalmente egoística, quando habitualmente se pede para si e para os seus as boas graças ou se cumpre com os agradecimentos, seja das boas colheitas, da boa saúde ou dos sucessos

missionários, pacíficos ou travestidos em cruzadas e jihads. Mas, certamente, Deus, que bem conhece as humanas limitações dos seus filhos e é eternamente justo e perfeito, infinitamente acima de todas as diferenças de ritos, credos e religiões, na sua eterna e omnipresente sabedoria, condensará toda a sua capacidade poliglota na tradução dos milhões de diárias orações para inevitavelmente concluir no... Amor! Egoística ou não, toda oração é uma manifestação de amor, por si, pelos seus, por uma qualquer ideia de Deus! E o amor é e será, portanto, a linguagem universal do único e possível verdadeiro Deus!

Todas as orações do Mundo, em todos os tempos, na incalculável contabilidade de pedidos e agradecimentos em todas as línguas e épocas, orações por vivos e mortos, pelas vidas presentes, pelas vidas futuras ou pela vida eterna, visam a pacificação e harmonização do indivíduo consigo próprio, pela sua fé e pelas suas relações afetivas, em qualquer dimensão passível de análise. Em cada mãe que sofre, em cada luto, em cada contrariedade ou padecimento, é através da oração que se revela o lado mais divino do ser humano, pois que na paz interior advinda da oração, cumprido o ritual, cumpre também Deus, qualquer que seja a sua conceção, a sua missão, paliativa ou curativa, efetiva ou como placebo: permitir que uma vida prossiga mais tranquila, mais serena, mais motivada, mais confortada. Essa é a transcendência da oração!

Nada disso colide com ciência, evolucionismo ou filosofia, mas tampouco se resume a verdades absolutas e reveladas em qualquer livro, costume ou tradição. Oremos, pois, cada qual conforme saiba, ou possa, ou queira, na certeza de que a validade é justamente a mesma. Para qualquer julgamento ou posição discordante, vaticino: Deus saberá!

A oração provém da linguagem. E se a alguém, como eu, ocorrer nunca orar, compreenda que se a oração é proveniente da linguagem, materializada no contexto do tempo e da história em múltiplas e diferenciadas rezas, preces e mantras, a mesma também, como tudo, é passível de evolução ou, pelo menos, de diferenciação. Com o mais que devido respeito para quem a pratica, legítima e convictamente, através da linguagem, segundo os exatos trâmites da sua fé, também estou certo que é possível e, quiçá desejável, praticá-la através simplesmente do sentir, do observar e, acima de tudo, do viver. Pois que se vivermos com dignidade, respeitando-nos e aos outros, em comunhão com a Natureza da qual fazemos parte, em harmonia com todos os homens, independentemente das suas origens, credos e orientações, com respeito pelo passado e pela história, cultivando valores humanistas, com elevada postura ética e considerando a liberdade, a igualdade e a fraternidade como pilares inquestionáveis, toda a nossa existência será uma forma de oração à Condição Humana e, por conseguinte, para os que nele creem, a Deus.

Para além disso, sem quaisquer considerações, conotações ou provocações religiosas ou metafísicas, deixo apenas uma oração, profana por sinal, de parca linguagem, mas que retempera e faz feliz quem a souber traduzir na própria vida:

Um dia de praia ao sol, uma caminhada na montanha, um abraço de um verdadeiro amigo e um beijo de quem amamos! Assim seja!

AS
14

OBRAS
DE
Misericórdia



MEMÓRIAS DESCRITIVAS

TÉCNICAS

■ NOSSA SENHORA DO MANTO DE VAGOS

TÉCNICA

Dimensões: Altura 60 cm

Peso: 16 kg

Materiais: Grés com óxidos e vidrados



■ DAR DE COMER A QUEM TEM FOME

MEMÓRIA DESCRITIVA

Nesta obra está representada a partilha e a dádiva do pão. Alimento que simbolizo como sendo a "mãe" de todos os alimentos. Retrata também a alegria da dádiva e riqueza do "receber" o alimento pelas suas cores que envolvem o foco central.

TÉCNICA

Patchwork embutido com tecidos vários sobre placa k-line
70X100

■ DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

MEMÓRIA DESCRITIVA

Obra de pintura a óleo que representa o tema de " Dar de beber a quem tem sede ", que após investigação sobre a história da Rainha de Avis D. Leonor, conclui.

A Rainha fundadora das Misericórdias dando água, com amor, paz e alegria, a pobre sedente. Viver sem beber ÁGUA... NÃO é possível!

É louvável expandir incessantemente as missões humanitárias prestadas nas Santas Casas de Misericórdia.

TÉCNICA

Óleo sobre tela
70X60

■ VESTIR OS NUS

MEMÓRIA DESCRITIVA

A nudez do corpo está no olhar do ser humano que a aprecia criticamente, assumindo-se como falta de decência e transformando-se em vergonha.

Este sentimento pretende ser transmitido na obra pela representação de duas figuras de costas e sem rosto que arrastam suavemente as suas vestes pelo chão.

Cobrir o corpo para proteção do frio ou do calor é possível.

Será possível, porém, evitar a nudez do espírito?

Foi esta minha interrogação que se tornou no ponto de partida do trabalho.

Adornos, figurinos, sintético ou natural escondem, vezes sem conta, o nu que cada um de nós veste.

TÉCNICA

Acrílico sobre tela
70X50

■ DAR POUSADA AOS PEREGRINOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

A obra exposta “ Dar pousada aos peregrinos” é um quadro em porcelana com pintura cerâmica, onde os peregrinos se encaminham para uma pousada onde são recebidos por um frade. Os dois braços representam o acolhimento mais abrangente por parte de uma força superior que olha sobre nós.

TÉCNICA

Tintas de mufla com duas cozeduras de 750^oc cada, respetivamente, esboço e finalização
50X40

■ VISITAR OS ENFERMOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Visitar os Enfermos

O tema deste quadro convida-nos a meditar sobre as múltiplas trocas que se fazem no encontro com o outro. Na condição de visitante, temos a missão de entregar ao próximo o melhor de nós mesmos. Esta meditação na perspetiva da "sapientia cordis", ou seja na sabedoria do coração, que para Papa Francisco significa servir o irmão, o serviço prestado aos necessitados, mas não esquecendo os que permanecem junto aos que precisam de assistência contínua. A figura do coração é o centro da composição. Organismo que simula as trocas entre dois corpos, as transações de fluídos que oxigenam e tornam a vida possível. A representação da caixa simula a residência que acolhe os enfermos, o lugar onde deve existir o amor e presença da esperança para quem nela habita.

TÉCNICA

Acrílico sobre tela
150X90

■ VISITAR OS PRESOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

A Santa Casa da Misericórdia de Vagos, pelo Provedor Paulo Gravato, fez um convite a vários artistas para interpretarem as 14 Obras da Misericórdia. Projeto que achei pertinente, como tema para desenvolver o meu trabalho, e de especial relevância, pelo facto de poder trabalhar para um projeto local, da minha área de residência, situação pouco comum.

O tema que me foi atribuído foi a "visita aos presos". Imediatamente me senti ligado, criando um imaginário que me estimulava. Criando uma imagem em que me interessava somente a relação inter-humana, carregada de um ambiente cenográfico escuro, quase romântico, daquilo que poderia ser uma cena teatral que representasse esta ação. Tudo o resto são detalhes, vícios compositivos ou plásticos, tudo o resto são interpretações.

TÉCNICA

Acrílico sobre tela
80X100

■ ENTERRAR OS MORTOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

As opções mais importantes tomadas ao longo da vida são as que nos dão forma, são a nossa estrutura e são elas que nos representam após a morte. Tudo o resto é a vida quotidiana, que nos preenche e nos alimenta, mas que morre connosco.

TÉCNICA

Caneta esferográfica sobre papel
41X33

■ DAR BONS CONSELHOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

" ... Logo que nascemos, somos batizados com águas bentas e marcados com o ferro de contribuinte... Arregimentados para seitas e castas, alistados em clubes e fações... circuncidados, e quando não, genitalmente mutilados... "

Ou seja, somos pescados.

"... De uma vez por todas, recusem que sejam eles a dizer-vos quando e como deve viver... Quando e como devem morrer! Não permitam que eles escolham por que se deve matar... Por quem se deve morrer... "

Daí e enquanto é tempo, aprendam a pescar.
É apenas um conselho!

TÉCNICA

Trabalho gráfico em Powerpoint
45X55

■ ENSINAR OS IGNORANTES

MEMÓRIA DESCRITIVA

A moldura enquanto forma bem definida, e fechada em si mesma, reivindica para si todas as limitações de um único plano, assim como, define de forma aristocrata os limites da própria pintura. A dicotomia que poderá estar associada ao tema desta obra, é de alguma forma forjada, no sentido em que os vários elementos da obra coabitam num único cenário. Deste modo, não se pretende criar a ideia de oposição ou de qualquer tipo de hierarquia, relativamente ao tema do conhecimento face à ignorância. O conceito reside, na convergência do saber e da ignorância no mesmo território de questionamento. Jacques Rancière, no seu livro com o título: O espectador emancipado. Escreve: "A ignorância é o oposto do saber; porque o saber não é um conjunto de conhecimentos, mas sim uma posição".

Neste sentido, a presente obra invade território que é tradicionalmente da pintura, nesta ação, a obra interioriza sem preconceitos o espaço e luz em que está inserida com disposição, ao assumir-se como um corpo único, questiona os limites da pintura assim como da própria escultura.

A obra convoca para reflexão, os limites bem definidos da moldura, e sua estrutura hierárquica, assim como, os conflitos de ordem temporal e visual presente nos vários elementos. Pretende-se através da obra, aqui veiculada pela metáfora, abrir o território da subjetividade e promover a experiência conceptual, no sentido de vislumbrar as profundezas deste tema. É nestas raízes do conhecimento, que a obra procura emancipar-se através do espectador. Nesta tentativa, esta convoca para o seu interior todo o seu exterior, dissolvendo-se numa ação mútua e constante, quebrando os moldes do determinismo e reforçando o seu carácter dinâmico. Por conseguinte, deste território ambíguo resulta o confronto entre os vários universos da obra, remetendo para um conflito de natureza epistemológica, assim como para uma dinâmica de carácter universal que contraria todo o pensamento estático, e que resulta na renovação permanente das formas e consequentemente do saber.

Desta forma, a presente obra tem na metáfora um corpo de questionamento, corpo esse, que remete para além do dogma e da segregação, catapultando o pensamento para além das amarras terrenas. Ao despoletar os processos de procura incessante, através do questionamento estabelecem-se os princípios fundamentais do saber, e simultaneamente da ignorância.

TÉCNICA

Madeira, placas de circuito impresso e metal

■ CORRIGIR COM CARIDADE OS QUE ERRAM

MEMÓRIA DESCRITIVA

Numa visão muito intimista e pessoal interpreto esta obra da misericórdia da mesma forma que vejo o mundo... a interacção das pessoas e as relações que estabelecem entre si. Não o conseguiria fazer de outro modo!

Sendo a vida um conjunto de circunstâncias, que tantas vezes fogem ao nosso controlo, tantas vezes estão tão distantes dos nossos desejos, como dos nossos sonhos e tão mais próximos dos nossos medos. Acredito que, muitas vezes os percursos em que caímos, não são fruto das

nossas escolhas, são fatalidades ou são benesses...e essa ordem desordenada das coisas é tantas vezes aleatória que não há lógica, nem divino que a explique. Por isso questiono o erro e o que é errar na vida de cada ser humano, o sentido de julgamento do outro. Nem Cristo alguma vez julgou, tanto quanto se sabe da história!

A palavra ERRO, com o "R" a cair, representa a ideia do declínio do erro no sentido do julgamento. Acredito que a principal aprendizagem a fazermos por cá é a do amor incondicional... Essa é a nossa missão: amar incondicionalmente! Ajudar na jornada, mostrar caminhos, amar de coração aberto. O elemento coração encarniçado e vivo a ocupar a maior parte do espaço da tela, representa isso mesmo e a vida, sobre o branco da paz e da pureza. A paz e a pureza de sentimentos que devemos fazer florir de nós para com os outros. As artérias e as veias, os caminhos e tantos são os possíveis. A correção... Sinto aqui a correção como um meio de atenuar a dor e a fragilidade humana, ajudando a erguer depois da queda e dando um novo alento e esperança de vida, construindo novos trilhos de luz...

TÉCNICA

Mista sobre tela
120x100

■ CONSOLAR OS TRISTES

MEMÓRIA DESCRITIVA

A palavra consolar ganha sentido por nela entrar o elemento sol, que a ilumina. Sol é calor. A compaixão, o dar a mão ao outro que sofre, é essa partilha de ânimo e calor onde falta, o aliviar da dor repartindo-a. E nesse processo de redistribuição, em que participam todos os que não têm o coração empedernido, surge um gesto que tudo pode sintetizar: oferecer flores.

TÉCNICA

Acrílico sobre tela
100x70

■ PERDOAR AS INJÚRIAS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Espelho da Im perfeição

Conceito metafórico de espelho como alicerce estruturador da obra realizada. Parte conceptual baseada no *Speculum regum* (Espelho dos Reis) — 1341-1344, Álvaro Pais, teólogo franciscano.

Para entender o Espelho da Im perfeição considerarei o sentido medieval do conceito de Espelho, fundamentalmente na construção da imagem ideal do Homem.

Espelho, do latim, *speculu*: reprodução fiel da imagem, representação, reflexo. O seu sentido figurado, um modelo, exemplo a ser seguido, imitado. Deriva do verbo latino *specular*, cuja primeira acepção é observar.

A ideia do Espelho como um lugar que o Homem, pode vislumbrar a ação de Deus, o ato clemente de perdoar.

A Sabedoria, o ato de perdoar, intimamente ligados, é a emanção pura da glória do ser divino, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é um reflexo da luz eterna, um espelho nítido e uma imagem de sua bondade. Contudo o homem como ser imperfeito erra e o Espelho também é o reflexo do erro, a condição humana.

Assim, o Espelho é o lugar da contemplação, a porta por onde podemos receber a clarividência, reflexão da luz divina da Sabedoria. Com ela, através do Espelho, podemos exercer sabiamente o ato de perdoar as injúrias.

Por sua vez, na tradição filosófica ocidental, o Espelho também representa, desde Platão (c429-347 a.C.) até Plotino (204/205 - 270 d. C.), a alma. Segundo este último, a imagem de uma pessoa está sujeita a receber a influência do seu modelo, como um Espelho (PLOTINO, *Ennéades*, Paris, IV, 3); a alma possui duas faces: um lado inferior, voltado para o corpo, e um lado superior, voltado para a inteligência (PLOTINO, *Ennéades*, III, 43; IV, 88).

O cerne da filosofia de Plotino era a prática do retorno da alma através da contemplação interior. Neste sentido, o Espelho é uma metáfora do “olhar para dentro”, um reflexo, uma materialização da alma.

São Gregório afirmava que "...como um espelho quando é bem feito, recebe na sua superfície polida os traços daquele que lhe é apresentado, assim também a alma, purificada de todas as manchas terrestres, recebe em sua pureza a imagem da beleza incorruptível." (BERNARD, 1952: 75)

Platonista, Gregório acreditava que para qualquer método ser eficaz deveria ser como um Espelho. A imagem refletida é então uma participação, interação: quando a alma se torna um Espelho perfeito, participa da imagem. Momento de integração cristã, o Homem que contempla é contemplado pela imagem que vê. Pode então refletir sobre as marcas do pecado e expiá-los com a educação ética.

Álvaro Pais reporta o sentido do Espelho ao universo semântico que dá origem à palavra speculum (Espelho): spectare (olhar, contemplar, observar), specto (olhar, estar voltado para), specula (lugar de observação, lugar elevado), specularia (vidro), speculatione (especulação). Assim, liga-se à tradição filosófica medieval que interpretou a especulação (speculatione) como "modo de refletir", isto é, refletir contemplativamente, fielmente, como um Espelho. Speculum, specularis, Espelho, contemplação.

O Espelho da Im perfeição é o instrumento contemplativo.

TÉCNICA

Técnica mista com espelho
40X50

SUPORTAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

MEMÓRIA DESCRITIVA

Neste meu trabalho e indo ao encontro do tema "SUPORTAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO", procurei evidenciar algumas das fragilidades humanas, que se tornaram quase comuns e com as quais convivemos no nosso dia-a-dia.

A prostituição, a droga, o alcoolismo, a par da excessiva vaidade das pessoas, são problemas que aqui referi numa fusão de traços, linhas e cores.

No fundo do trabalho há uma figura que simboliza a paciência.

TÉCNICA

Óleo sobre tela
80X60

■ REZAR A DEUS POR VIVOS E MORTOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

O quadro representa a parte carnal e espiritual, a reza dos humildes crentes por quem sofre, principalmente as crianças, não esquecendo os idosos, que são os mais indefesos! Deus libertando o seu espírito em forma de pomba da paz, pela vida eterna.

TÉCNICA

Tintas de mufla com duas cozeduras de 750º c cada, respetivamente, esboço e finalização
45X33

Pela generosidade dos artistas plásticos e autores dos textos que permitiram a produção desta obra, o mais grato reconhecimento da Santa Casa da Misericórdia de Vagos.

Pela dedicação e ajuda de um grupo de cidadãos Vaguenses de raiz ou de acolhimento que integraram a Comissão Organizadora constituída por: Dr. José Manuel Giro, Dr. Paulo Frade, Arq^o. João Carlos Sarabando, Dr. Paulo Moreira, Diretor-Delegado Jorge Oliveira e Provedor Paulo Gravato, a todos um especial agradecimento.

Um obrigado à Câmara Municipal de Vagos que, tendo em consideração o aspeto cultural desta obra, logo se prontificou a apoiar.

A todos quantos ajudaram a tornar possível esta realidade que é de hoje e há de perdurar nos tempos, um agradecimento sincero.

A Mesa Administrativa

NOTA DE ABERTURA

Paulo Gravato

PREFÁCIO

Vitor Melícias

PRÓLOGO

Helena Oliveira

TEXTOS

João Carlos Sarabando

Maria Alice Sarabando

Georgino Rocha

Maria José Lascas Fernandes

Óscar Gaspar

António Manuel Moiteiro Ramos

João Pedro Mateus

Manuel de Lemos

Silvério Regalado

Maria Belém Roseira

Querubim Silva

Jorge Carvalhais

Natália Cordeiro

Paulo Ricardo Moreira

NOTA DE ABERTURA	5
PREFÁCIO	6
PRÓLOGO	8
NOSSA SENHORA DO MANTO DE VAGOS	12
7 OBRAS CORPORAIS	15
DAR DE COMER A QUEM TEM FOME	16
DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE	20
VESTIR OS NUS	22
DAR POUSADA AOS PEREGRINOS	26
VISITAR OS ENFERMOS	30
VISITAR OS PRESOS	34
ENTERRAR OS MORTOS	38
7 OBRAS ESPIRITUAIS	43
DAR BONS CONSELHOS	44
ENSINAR OS IGNORANTES	48
CORRIGIR COM CARIDADE OS QUE ERRAM	52
CONSOLAR OS TRISTES	56
PERDOAR AS INJÚRIAS	60
SUPORTAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO	64
REZAR A DEUS POR VIVOS E MORTOS	68
MEMÓRIAS DESCRITIVAS	73
AGRADECIMENTOS	86
AUTORES CONVIDADOS	87
ÍNDICE	89

santa casa da
misericórdia
de vagos

